XCLUSIVE
FEED & FOOD
INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO
Ano 19
nº 235
Nov/2026
DC COMUNICA



SUÍNOS
CREEP FEEDING FAVORECE O CONSUMO PRECOCE DE RAÇÃO E PODE INFLUENCIAR O DESEMPENHO DURANTE A CRECHE

ENTREVISTA
THIAGO BERNARDINO, PESQUISADOR DO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA), DA ESALQ/USP

O NOVO PARADIGMA DA AVICULTURA MODERNA

SAÚDE INTESTINAL NA AVICULTURA DE CORTE: O PILAR DA EFICIÊNCIA, SUSTENTABILIDADE E BEM-ESTAR ANIMAL

mastersorb®

Linha de neutralizadores de toxinas

PROTEÇÃO QUE ULTRAPASSA OS LIMITES.

- Ação comprovada contra toxinas fúngicas e bacterianas;
- Amplo espectro de atuação e elevada eficiência;
- Linha desenvolvida para a máxima relação benefício:custo.



INOVAÇÕES EM PROTEÇÃO CONTRA TOXINAS

mastersorb® mastersorb® fm mastersorb® Gold®

GMP+ Feed Safety Assurance

Empresa certificada GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

www.grasp.ind.br | /grasp.ltda

GRASP®

DC7 COMUNICA

FEED & FOOD EXCLUSIVE

ANO 19 - EDIÇÃO Nº 235 - NOV 26

FUNDADOR
Osvaldo Ciasulli (MtB. 32.517)
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO
Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

DIRETORA
Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

GERENTE DE COMUNICAÇÃO
Giovana de Paula
(MTb 39.817)
giovana@dc7comunica.com.br

REPÓRTER
Kevin Nascimento
kevin@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE
Daniel Guedes
(MTb 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

MARKETING
Raiane Modesto
raiane@dc7comunica.com.br

ADM/TRÁFEGO
Cátia Politti
adm@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO
ABBEA, ABCC, ABIEC, Abiquifi, ABPA, ABRA, ACNB, Asbram, Ariovaldo Zani, Fabio Pereira, José Luiz Tejon, Mayra Theis, MBPS, Peixes BR, SBZ

Portal de notícias:
www.feedfood.com.br
Revista on-line gratuita:
www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal

PRINTED WITH SOY INK

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C104329

O DESEMPENHO TEM UMA BASE

A produção animal brasileira aprendeu a superar marcas. Produzimos mais, aprimoramos a genética e incorporamos tecnologias que ampliaram nossa capacidade de competir. Mas acredito que o próximo avanço dependerá, sobretudo, da nossa capacidade de cuidar melhor dos fundamentos. Não basta elevar o potencial produtivo se as condições para sustentá-lo não acompanham essa evolução.

Na avicultura, essa questão é especialmente clara. Quanto mais exigimos das aves, maior precisa ser a atenção ao equilíbrio que permite esse desempenho. A saúde intestinal traduz bem essa relação: ela conecta nutrição, sanidade, manejo e bem-estar, e nos lembra de que nenhum resultado pode ser avaliado de forma isolada. O ganho que parece vantajoso em um indicador pode perder valor quando olhamos o conjunto da operação.

Por isso, vejo com ressalvas a busca por soluções pontuais para problemas que exigem uma visão integrada. A tecnologia tem muito a oferecer, mas sua adoção precisa vir acompanhada de critério, acompanhamento e execução. O básico bem-feito continua exigindo trabalho, e não pode ser tratado como uma etapa já vencida.

Essa reflexão vale para todas as cadeias. Preparar um leitão para o desmame, investir na eficiência da cria ou estabelecer uma margem a proteger são decisões diferentes, mas revelam a mesma postura: agir antes que a dificuldade determine o rumo do negócio. Na prática, é aí que o planejamento demonstra seu valor.

Ainda dedicamos muita atenção ao resultado imediato. O preço de venda, o peso do lote e o custo da ração naturalmente ocupam as conversas. Precisamos, porém, dar espaço semelhante às decisões cujos efeitos levam mais tempo para aparecer. A formação de um rebanho, a adaptação alimentar e a construção de uma gestão consistente não obedecem à urgência do mercado.

Na pecuária, especialmente, o entusiasmo com preços favoráveis não deveria reduzir a atenção aos custos e à capacidade futura de produção. Uma oportunidade de mercado só se transforma em resultado para quem tem condições de aproveitá-la. E essas condições são construídas antes, muitas vezes em momentos menos favoráveis.

Também é por essa perspectiva que entendo a sustentabilidade. Ela precisa estar presente nas escolhas cotidianas: no melhor aproveitamento dos recursos, no cuidado com os animais, na redução de perdas e na viabilidade econômica de quem produz. É nesse trabalho concreto que o compromisso com o futuro ganha credibilidade.

O Brasil tem conhecimento, profissionais e capacidade produtiva para avançar. Nosso desafio é fazer com que esses recursos se traduzam, de maneira mais consistente, em decisões dentro das operações. Como plataforma de comunicação da cadeia de proteína animal, a **Feed&Food** tem o compromisso de contribuir para essa discussão, aproximando ciência, experiência e gestão.

Os resultados que desejamos para amanhã dependem da atenção que damos hoje às suas bases.

Boa leitura!

Diogo Ciasulli
CEO



SUMÁRIO



14 **CAPA**
SAÚDE INTESTINAL NA AVICULTURA DE CORTE: O PILAR DA EFICIÊNCIA, SUSTENTABILIDADE E BEM-ESTAR ANIMAL

COLUNA PWC
06 Safra 2026/27: crescer exigirá mais eficiência

COLUNA ZANI
08 Volume cresce! Rentabilidade acompanha?

COBERTURA BIOCHEM
20 Qualidade da progênie começa na matriz e desafia a avicultura a rever estratégias de produção

COLUNA ABIQUIFI
22 Missão da Abiquifi ao México abre oportunidades para exportação de insumos e produtos de saúde animal

PUBLIEDITORIAL PLASSON
24 Stir Fans: mais eficiência térmica, economia e desempenho no aviário

COLUNA ASBRAM
26 Minerais, preços e tecnologia pautam encontro da ASBRAM

ESPECIAL VETANCO
28 Empresa reposiciona sua marca e reforça estratégia baseada em ciência, inovação e proximidade com o campo

COLUNA ABPA
32 Suinocultura brasileira amplia mercados e abre novas oportunidades de agregação de valor

COLUNA SBZ
38 Tecnologias aliadas à produção de suínos: Termografia

COLUNA ABRA
39 O que os números dizem sobre a nova dimensão da reciclagem animal

10
ENTREVISTA
THIAGO BERNARDINO, PESQUISADOR DO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA): MARGEM ANTES DO PREÇO. POR QUE GERIR RISCO VIROU ESTRATÉGIA NA PECUÁRIA

34
SUÍNOS
CREEP FEEDING GANHA IMPORTÂNCIA COMO FERRAMENTA DE ADAPTAÇÃO ALIMENTAR DOS LEITÕES

BOVINOS
40 Carbono no solo pode abrir nova fonte de receita para a pecuária
42 As inovações científicas e tecnológicas para iluminar o apagão de bezerros na próxima década na pecuária brasileira

BIOFARM
46 FLORAFarm Bovinos aposta na saúde digestiva para ampliar a eficiência produtiva

COLUNA ABBEA
47 ABBEA e SINDAN fortalecem capacitação em bem-estar animal

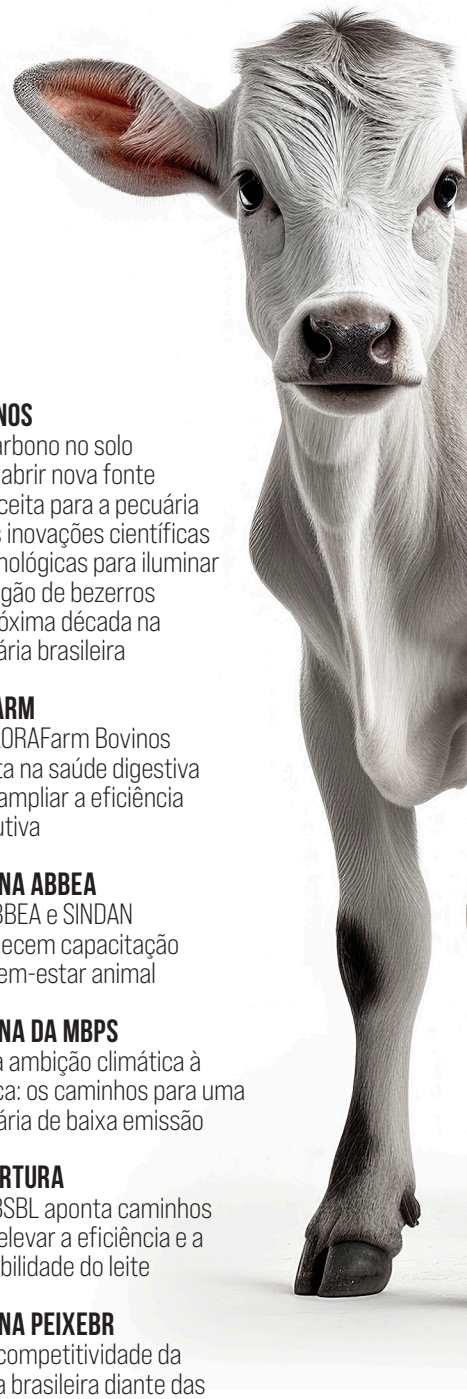
COLUNA DA MBPS
48 Da ambição climática à prática: os caminhos para uma pecuária de baixa emissão

COBERTURA
50 SBSBL aponta caminhos para elevar a eficiência e a rentabilidade do leite

COLUNA PEIXEBR
52 A competitividade da tilápia brasileira diante das transformações do mercado

COLUNA ABCC
54 Uma análise da harmonia ambiental do cultivo do camarão (*Penaeus vannamei*) e, da sua importância para a socio economia primária da Região Nordeste

COLUNA TEJON
58 "Se o Brasil liderar, o mundo o seguirá"





Mayra Theis e Fabio Pereira

SOLUÇÕES PWC

Mayra Theis, sócia da PwC Brasil e líder de Agribusiness
Fabio Pereira, diretor da PwC Brasil e Agtech Innovation

SAFRA 2026/27: CRESCER EXIGIRÁ MAIS EFICIÊNCIA

PRODUÇÃO PODE ALCANÇAR NOVO RECORDE, MAS CLIMA, SANIDADE E CUSTOS DESAFIAM A RENTABILIDADE POR HECTARE

A agricultura brasileira inicia uma nova safra apoiada em uma base histórica. Segundo a Conab, a safra de grãos 2025/26 deve alcançar 361,7 milhões de toneladas, crescimento de 2,6% sobre a anterior. A soja responde por 180,4 milhões de toneladas, alta de 5,2%, consolidando um novo recorde. O milho deve atingir 144 milhões de toneladas, enquanto o sorgo avança para 7,35 milhões, expansão de 20,4%. No algodão, a produção estimada é de 4,14 milhões de toneladas de pluma, 1,5% acima do ciclo anterior. A área total cultivada chegou a 83,5 milhões de hectares.

Esse desempenho confirma a resiliência do agronegócio brasileiro, sustentada por fatores construídos ao longo de décadas, com incorporação de áreas de pastagens degradadas e de novas regiões produtivas, plantio direto e rotação de culturas, melhoramento genético e biotecnologia, correção e nutrição dos solos e manejo integrado de pragas, doenças e plantas daninhas. São capacidades, que através de inovação e tecnologias, permitiram ao país ampliar produção, produtividade e competitividade.

Para 2026/27, a Conab projeta novo recorde, de até 366,6 milhões de toneladas, 1,4% acima do ciclo encerrado. O avanço deverá vir principalmente da expansão da área, estimada em 85,3 milhões de hectares. A produtividade média, no entanto, pode recuar de 4.335 para 4.296 quilos por hectare. A soja deverá ocupar 49,3 milhões de hectares e produzir 181,64 milhões de toneladas. Trata-se de crescimento moderado, com expansão de área de apenas 1,4%, a menor taxa percentual dos últimos 20 anos. O milho poderá alcançar cerca de 148 milhões de toneladas. A primeira safra deve chegar a 32,1 milhões de toneladas, enquanto a segunda safra poderá produzir 113,2 milhões sendo complementada por 2,7 milhões na terceira safra do cereal. Para o algodão, a projeção é de 2,09 milhões de hectares e 4,2 milhões de toneladas de pluma. O sorgo também ganha importância como alternativa agronômica e comercial. Na safra 2025/26, sua área cresceu 32,9%, mesmo com redução de 9,4% na produtividade. Esse movimento evidencia sua contribuição para a diversificação dos sistemas produtivos, especialmente em ambientes sujeitos a maior restrição hídrica.

A expansão ocorre em paralelo a uma transformação no destino dos grãos. No milho, a demanda interna permanece aquecida pela produção de rações e, sobretudo, pela expansão do etanol de cereais. A Conab registra que esse consumo adicional é um dos fatores que sustentam o interesse pelo plantio em todas as regiões. A produção brasileira de etanol de milho chegou a 10,17 bilhões de litros em 2025/26, consumindo 22,4 milhões de toneladas do cereal. Para 2026/27, análise do Cepea aponta 11,4 bilhões de litros. Na soja, o maior processamento doméstico agrega valor à cadeia e acompanha a expansão do biodiesel. O óleo de soja permanece como a principal matéria-prima projetada para esse biocombustível, enquanto o aumento da industrialização aproxima ainda mais as decisões sobre produção agrícola, energia, logística e abastecimento.

O principal desafio da nova safra estará na combinação de clima, sanidade e custos. A perspectiva de El Niño traz riscos distintos, com maior probabilidade de chuvas intensas e concentradas no Sul e possibilidade de precipitações abaixo da média em áreas do Cerrado. Segundo recomendação da Embrapa, a gestão do risco climático deve considerar região, solo, cultura e fase de desenvolvimento, porque uma previsão climática indica aumento de risco, mas não determina antecipadamente o impacto em cada propriedade.

Ao mesmo tempo, a agricultura tropical enfrenta pressões simultâneas de pragas diversas na mesma lavoura: insetos sugadores, lagartas, doenças fúngicas, plantas daninhas resistentes e nematoides. No Cerrado mais seco, o manejo tende a exigir maior atenção a insetos, conservação da umidade e posicionamento das aplicações. No Sul mais chuvoso, doenças fúngicas e qualidade operacional ganham relevância. Não existe, portanto, uma recomendação única para todas as regiões.

O cenário de custos reforça essa complexidade. Segundo dados da Kynetec existe expectativa de alta nos fertilizantes e aumento dos custos com defensivos, associado à recuperação de preços e à maior intensidade de aplicações. As tensões geopolíticas, câmbio, fretes, energia e dependência externa de insumos adicionam volatilidade ao planejamento.

A safra 2026/27 poderá estabelecer outro recorde, mas o indicador decisivo será a rentabilidade por hectare. Diante de área crescente, produtividade de potencialmente menor e pressão fitossanitária mais intensa, a competitividade significará integrar dados climáticos, genética, solo, manejo, compras, financiamento e comercialização. O próximo salto do agronegócio brasileiro dependerá menos de ampliar fronteiras e mais de transformar cada decisão técnica em eficiência econômica. ■

RESULTADOS PARA REINAR!

É a coroação da união

MX Male™ + Cobb800™



A União entre Cobb 800 e Macho MX entrega resultados expressivos do início ao fim da cadeia de produção.

- MAIOR NÚMERO DE PINTOS
- MAIOR RENDIMENTO DE PEITO
- MAIOR CONSISTÊNCIA PRODUTIVA E ECONÔMICA

Cobb®

Excelência em Genética
Alimentando o Mundo

Consulte os manuais técnicos da Cobb para condições e parâmetros. Os resultados podem variar conforme as condições de manejo, ambiente, nutrição, sanidade e demais fatores de produção. Baseado em dados e análises Cobb.



Ariovaldo Zani
é médico veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade/ABPA;
Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/SENAI SP;
Membro da Comissão Estadual do Agronegócio do Conselho Regional de Medicina Veterinária/CRMV SP

VOLUME CRESCE! RENTABILIDADE ACOMPANHA?

De acordo com o Sindirações, a indústria brasileira de alimentação animal produziu aproximadamente 45,2 milhões de toneladas no primeiro semestre de 2026, ante 43,3 milhões no mesmo período de 2025. O crescimento de 4,2% alcançou todos os segmentos acompanhados, com maior contribuição da avicultura de corte e da suinocultura. A expansão, entretanto, convive com pressões sobre a remuneração dos produtores, mostrando que o avanço dos volumes nem sempre se traduz em maior rentabilidade.

As rações para frangos de corte somaram 19,9 milhões de toneladas, contra 18,9 milhões em 2025, alta de 5,3%. O acréscimo de aproximadamente um milhão de toneladas foi a maior contribuição absoluta ao crescimento setorial. A atividade respondeu por cerca de 44% da produção total de alimentação animal no semestre. As exportações ajudam a contextualizar esse desempenho, já que os embarques de carne de frango superaram 2,9 milhões de toneladas e crescimento de 12,9%, (de acordo com ABPA). e estabeleceram recordes para o primeiro semestre, favorecidos pela diversificação dos destinos e, em parte, pela comparação com uma base afetada pelas restrições sanitárias de 2025.

Na postura, a produção de rações avançou 1% e atingiu aproximadamente 3,8 milhões de toneladas, ante 3,7 milhões, muito embora os indicadores posteriores ao semestre apontam razoável dificuldade em relação ao poder de compra do produtor de ovos frente ao avanço nos preços do milho e do farelo de soja, ou seja, a desvalorização dos ovos e o encarecimento dos insumos levaram as relações de troca aos menores níveis reais dos últimos anos.

Na suinocultura, a produção de rações passou de 10,6 milhões para 11,2 milhões de toneladas e avançou 5,4%, impulsionadas pelas exportações de carne suína que somaram mais de 794 mil toneladas, alta de 10% (segundo ABPA), muito embora, a expansão do plantel e os ganhos de produtividade elevaram a oferta além da capacidade de absorção dos mercados. Em consequência, o preço do suíno foi bastante pressionado, comprometendo assim as margens dos produtores independentes.

Na bovinocultura de corte, a produção de rações alcançou 2,86 milhões de toneladas, ou 110 mil toneladas à mais daquelas produzidas no mesmo período de 2025. Importante salientar que a maior retenção de matrizes, sinalizada a partir do segundo semestre, inclusive sustentada em setembro pela queda de mais de 30% no abate de fêmeas sob inspeção federal, altera as perspectivas da atividade, pois a menor oferta pode sustentar a arroba do boi gordo e pressionar as margens dos frigoríficos. Importante também ressaltar que a alta na ocupação dos cochos consolidou a virada do confinamento a partir de junho e essa tendência de forte recuperação estratégica para o segundo semestre tem sido validada pelos relatórios de mercado de diversas instituições especializadas.

A mudança do ciclo bovino não implica necessariamente queda proporcional da demanda por alimentação industrializada e pode, inclusive, ser compensada por conta da retenção de matrizes com necessidades de suplementação reprodutiva, enquanto os preços da reposição, do boi e dos ingredientes acabam por influenciar a recria, a terminação e o confinamento. Ou seja, o resultado dependerá das pastagens, das estratégias nutricionais e da viabilidade de cada sistema.

Na bovinocultura leiteira, a produção de rações cresceu 1,8% e contabilizou 3,8 milhões de toneladas, apesar das pressões sobre a rentabilidade dos produtores, sobretudo por causa das importações de leite em pó oriundas da Argentina e do Uruguai que prejudicam a produção doméstica. Essa compressão das margens que limita investimentos e pode até comprometer a permanência de produtores na atividade requer ações voltadas às soluções nutricionais que melhorem o retorno por litro produzido.

Na aquicultura, a produção de rações cresceu 5,4%, alcançando aproximadamente 940 mil toneladas. Por sua vez, os alimentos para cães e gatos avançaram 1% e superaram a marca de 2 milhões de toneladas, enquanto as rações para equinos atingiram cerca de 470 mil toneladas.

Em síntese, o balanço revela expansão da indústria brasileira de alimentação animal, todavia inserida em cadeias produtivas de proteína animal com desafios econômicos diferentes, já que os recordes de exportação coexistem com sobreoferta na suinocultura, declínio das relações de troca na postura, mudança do ciclo bovino e da concorrência dos lácteos importados.

O esforço deve concentrar-se na combinação da eficiência nutricional, planejamento comercial e da gestão financeira para que o crescimento da produção garanta resultados sustentáveis. ■



QUALIDADE

CIBENZA®

COMPROVADA

NUTRIÇÃO MÁXIMA PARA CADA DIETA. NÃO ACEITE NADA MENOS.

Aditivo Enzimático

CIBENZA®

uma marca **NOVUS**

A disponibilidade pode variar por região.

Quando você precisa de soluções precisas para desafios do mundo real, as enzimas NOVUS® CIBENZA® fornecem resultados superiores. Levamos a digestibilidade inteligente para o próximo nível, simplificando a superação de desafios de dieta e levando seus animais a atingir seu potencial genético máximo. Veja como enzimas de nível profissional podem ajudar a alcançar resultados precisos em **novusint.com/enzymes**

® NOVUS e CIBENZA são marcas comerciais da Novus International, Inc. e estão registradas nos Estados Unidos e em outros países.
©2026 Novus International, Inc. Todos os direitos reservados.



MARGEM ANTES DO PREÇO: POR QUE GERIR RISCO VIROU ESTRATÉGIA NA PECUÁRIA



EM UM AMBIENTE DE CICLOS, VOLATILIDADE E CUSTOS CADA VEZ MAIS SENSÍVEIS ÀS CONDIÇÕES DE MERCADO, PROTEGER A RENTABILIDADE DEIXOU DE SER UMA ESTRATÉGIA RESTRITA A GRANDES OPERAÇÕES. PARA **THIAGO BERNARDINO DE CARVALHO**, PESQUISADOR DO CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA (CEPEA), DA ESALQ/USP, CONHECER OS CUSTOS, ESTABELECER UMA MARGEM E UTILIZAR FERRAMENTAS DE PROTEÇÃO SÃO PASSOS FUNDAMENTAIS PARA TRANSFORMAR O RISCO EM UMA VARIÁVEL ADMINISTRÁVEL DENTRO DA FAZENDA

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

Na pecuária de corte, o preço do boi é apenas uma parte da equação. Clima, custos de produção, preços dos insumos, mercado externo, questões sanitárias e decisões da indústria podem alterar significativamente o resultado de uma operação. Nesse cenário, a gestão de risco ganha espaço como instrumento de planejamento e de preservação da margem. Mais do que tentar acertar o melhor momento de venda, a proposta é estabelecer previamente quais resultados são necessários para que o negócio seja rentável e, a partir daí, utilizar as ferramentas disponíveis para proteger parte dessa margem.

Em entrevista à **Feed & Food**, Thiago Bernardino de Carvalho, pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), analisa os principais riscos enfrentados pelo pecuarista, explica como instrumentos de proteção podem ser incorporados à rotina da fazenda e defende uma mudança de abordagem: em vez de olhar apenas para o maior preço possível, o produtor deve conhecer seu custo e trabalhar para garantir a sustentabilidade econômica da atividade.

RISCO COMEÇA DENTRO DA PORTEIRA — MAS NÃO TERMINA NELA

Em um mercado pecuário marcado por ciclos de alta e baixa, quais são hoje os principais riscos que podem comprometer a margem do produtor — e quais deles podem ser efetivamente gerenciados? *Thiago Bernardino de Carvalho:* Quando pensamos nos riscos que podem impactar a margem do produtor, precisamos considerar aqueles inerentes ao próprio processo produtivo, como questões climáticas, custos e volatilidade dos preços dos insumos.

Também existem fatores relacionados ao mercado, como cotas, tarifas e, obviamente, a volatilidade do preço do boi. Essa formação de preço está ligada a uma série de fatores, como a dinâmica de precificação, as exportações e as estratégias da indústria. Temos ainda os riscos sanitários, que podem trazer impactos sobre a produção e, consequentemente, sobre a lucratividade e o faturamento do pecuarista.

Por isso, quando pensamos na margem do produtor, é fundamental ter uma boa gestão de custos e uma boa gestão de compra e venda. Em relação ao preço, especificamente, precisamos considerar todo o ambiente macroeconômico e institucional, que naturalmente pode alterar a dinâmica da lucratividade e da margem.

DA BUSCA PELO PREÇO À PROTEÇÃO DA MARGEM

Muitos pecuaristas ainda associam proteção de preços a operações complexas. Quais são as principais ferramentas ▶

Foto: divulgação

disponíveis e como o produtor pode incorporá-las à rotina de gestão da fazenda? Quando falamos em ferramentas de proteção, existem diferentes maneiras de garantir uma margem. Podemos trabalhar com contratos no mercado futuro, estruturas de proteção, operações de compra e venda e também com uma "trava" junto à indústria, por meio de um boi a termo, garantindo também uma escala de abate.

Tudo isso depende, obviamente, do momento em que esse animal estará pronto para ser comercializado. São ferramentas que estão disponíveis para o pecuarista. De certa maneira, o produtor acaba imaginando que essas operações são muito complexas. Por isso, é importante buscar conhecimento e conversar com quem faz esse trabalho, como as corretoras.

Esse processo pode ajudar a proteger o patrimônio do produtor. E não estamos falando simplesmente de proteger o preço, mas de garantir uma margem e uma sustentabilidade de longo prazo para a atividade pecuária.

O MELHOR PREÇO NEM SEMPRE É O MELHOR NEGÓCIO

Na prática, como o pecuarista deve definir o preço de proteção? É mais importante buscar um preço considerado "bom" ou estabelecer previamente uma margem mínima para a atividade? Quando pensamos em preço, queremos sempre o maior valor. Mas, às vezes, uma margem maior, obtida a partir de um bom controle de custos, é o que efetivamente ajuda a garantir uma lucratividade maior para a atividade.

É muito importante olhar para o custo de produção e saber quanto se pode operacionalizar e quanto se pode assumir de risco em uma determinada operação. Mais do que trabalhar apenas com uma expectativa de preço, é fundamental conhecer o próprio custo e garantir uma margem.

É claro que, diante da expectativa de um mercado menos ofertado e mais demandante, podemos projetar preços maiores. Mas é importante lembrar que existem muitos vendedores e muitos compradores que naturalmente precisam colocar esses animais no mercado.

Trabalhar uma proteção de custo e de margem acaba sendo, de certa maneira, mais efetivo para garantir a perenidade do negócio.

GESTÃO DE RISCO MUDA A TOMADA DE DECISÃO

Como a gestão de risco pode mudar a forma como o produtor toma decisões sobre compra de animais, alimentação, confinamento e momento de venda, especialmente em períodos de forte volatilidade? Quando falamos em como a gestão de risco pode ajudar a garantir um cenário mais favorável para o produtor, precisamos lembrar que, na pecuária, o boi apresenta uma volatilidade bastante elevada quando comparado a produtos e ativos como Ibovespa, bezerro, milho e soja.

Estamos falando de um produto com um nível elevado de risco. Montar uma estratégia de compra e venda, seja por meio de ferramentas de proteção de preço, seja por meio de parcerias com a indústria, é de suma importância.

DIANTE DA EXPECTATIVA DE UM MERCADO MENOS OFERTADO E MAIS DEMANDANTE, PODEMOS PROJETAR PREÇOS MAIORES. MAS É IMPORTANTE LEMBRAR QUE EXISTEM MUITOS VENDEDORES E MUITOS COMPRADORES QUE NATURALMENTE PRECISAM COLOCAR ESSES ANIMAIS NO MERCADO

É preciso trabalhar sempre minimizando custos e maximizando o lucro, mas observando o "termômetro" do mercado: o que o frigorífico precisa do meu produto, quanto consigo entregar e em que momento. Tudo isso favorece uma melhor negociação e ajuda a compor uma margem mais adequada.

COMEÇAR PEQUENO TAMBÉM É GESTÃO

Para um pecuarista que ainda não utiliza estratégias de proteção de preços, qual seria o primeiro passo para começar a gerir o risco de forma profissional sem transformar a operação em algo excessivamente complexo? Para o produtor que ainda não tem conhecimento sobre essas ferramentas, mas gostaria de entender melhor, é importante procurar uma corretora.

Existem muitas corretoras no Brasil que trabalham com proteção e oferecem cursos. Hoje temos uma facilidade muito grande de acesso à informação por meio da internet. O produtor pode fazer cursos, conversar com uma corretora e também conversar com outros produtores que já fazem esse trabalho.

Também é importante conversar com as indústrias para entender qual é o momento delas e como elas fazem essas operações junto com o pecuarista.

E o mais importante é começar de maneira gradual. Separar um lote, alguns animais, e entrar em uma operação de proteção de preço, em uma operação de RED ou em uma operação a termo. É importante aprender fazendo.

Tudo o que aprendemos na vida passa por ouvir, entender, testar e buscar informação. Ter esse exercício de compreender na prática ajuda muito o pecuarista. É claro que é preciso entender as ferramentas, os custos e a dinâmica de formação de preços. Mas, principalmente, é necessário saber como colocar isso em prática.

Esse é um passo muito importante: buscar informação, fazer cursos, conversar com corretoras, falar com produtores que já utilizam essas ferramentas, entender a dinâmica dos frigoríficos e, então, começar a operacionalizar.

DA PROTEÇÃO AO PLANEJAMENTO

A gestão de risco, nesse contexto, não significa tentar eliminar as incertezas do mercado — algo que não é possível. Significa conhecer as variáveis que podem afetar o resultado, estabelecer limites e utilizar as ferramentas disponíveis para administrar parte dessa exposição.

Para o pecuarista, a mudança de perspectiva pode estar justamente em deixar de pensar apenas em "quanto o boi pode valer" e passar a perguntar "qual margem preciso garantir para que minha operação seja sustentável?".

É nessa diferença entre buscar o preço máximo e proteger uma margem previamente calculada que a gestão de risco passa a fazer parte, de fato, da estratégia da fazenda. ■

HUVEPHARMA®

Monimax®

Segurança e eficiência para o seu programa anticoccidiano de verão.

- **Monensina + nicarbazina** atuam em diferentes fases do ciclo de *Eimeria*.
- Tecnologia de **microgranulação** que favorece a **distribuição uniforme** dos ativos na ração.
- **Mais consistência, segurança e suporte** ao desempenho produtivo.



Conheça os diferenciais de Monimax® e conte com a equipe técnica da Huvepharma® para fortalecer seu programa anticoccidiano.

Huvepharma do Brasil, Porto Alegre/RS, Av. Borges de Medeiros 2500, Conj 1604 e 1605
Tel:051 3085 3563, vendas@huvepharma.com.

HUVEPHARMA®



O NOVO PARADIGMA DA AVICULTURA MODERNA

SAÚDE INTESTINAL NA AVICULTURA DE CORTE: O PILAR DA EFICIÊNCIA, SUSTENTABILIDADE E BEM-ESTAR ANIMAL

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A avicultura de corte mundial passou por uma evolução sem precedentes nas últimas décadas. O melhoramento genético, aliado a melhorias estruturais de ambiência e manejo, transformou o frango de corte em um animal de altíssimo desempenho, capaz de atingir o peso de mercado em períodos cada vez mais curtos. No entanto, esse potencial genético superior exige uma contrapartida fisiológica extrema. É nesse cenário que a saúde intestinal consolidou-se como o principal fator determinante para o sucesso econômico, sanitário e sustentável da atividade.

Historicamente, a integridade do trato gastrointestinal (TGI) era vista quase exclusivamente sob a ótica da digestão e absorção de nutrientes. Hoje, a ciência compreende o intestino como um órgão multifuncional complexo, que atua como a maior barreira imunológica do organismo e abriga um ecossistema dinâmico conhecido como microbiota intestinal. O equilíbrio desse ecossistema é fundamental, pois o TGI do frango está em constante contato com agentes patogênicos, toxinas e fatores antinutricionais presentes na dieta.

A urgência em se estudar e aprimorar a saúde intestinal ganhou proporções globais com a crescente restrição e o banimento do uso de Antibióticos Promotores de Crescimento (AGPs) na ração. A pressão de mercados consumidores, liderados pela União Europeia e seguidos pelas principais potências exportadoras (como o Brasil), forçou a comunidade científica e a indústria a buscarem alternativas eficazes. O grande desafio da avicultura moderna consiste em manter os excelentes índices de Conversão Alimentar (CA) e Ganho de Peso Diário (GPD), reduzindo drasticamente a dependência de antimicrobianos tradicionais.

Segundo a médica-veterinária e professora titular da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus Palotina, Jovanir Fernandes, o intestino é um ecossistema multifacetado com 3 elementos principais interconectados: o epitélio intestinal com suas conexões neuroendócrinas, o sistema imunológico e a microbiota comensal, que se relacionam a partir de várias interações bidirecionais para manutenção da saúde intestinal das aves. "A dieta é o componente externo mais importante que interage com essa tríade e exerce pressão seletiva fundamental no ambiente intestinal afetando a configuração da microbiota intestinal que, através de metabolitos microbianos, modula a sinalização imunológica, o aproveitamento do alimento e o desempenho zootécnico. Por sua vez, o sistema imunitário participa na formação e preservação da ecologia da microbiota intestinal", explica. ▶

Foto: banco de imagens F&F

Jovanir detalha que quando a saúde intestinal está otimizada, há uma digestão completa do alimento e absorção dos componentes nutricionais. Entretanto, havendo perda da homeostase intestinal por diferentes estressores, a ativação das defesas imunológicas passa a ser prioridade e com isso o processo de digestão e absorção é prejudicado. "A dieta não fornece nutrientes apenas para ave: ela também determina quais substratos estarão disponíveis para a microbiota intestinal. A composição e a digestibilidade dos ingredientes podem favorecer um ambiente intestinal associado à saúde e ao desempenho ou, em determinadas condições, contribuir para disbiose, inflamação e perda de eficiência alimentar", diz.

A baixa digestibilidade dos ingredientes, granulometria inadequada, ocorrência de micotoxinas, fatores antinutricionais e agentes patogênicos presentes nos ingredientes podem levar às falhas nos processos de digestão e absorção e em agressão à mucosa intestinal, resultando em sobras de substratos que podem desestabilizar e romper a homeostase do microbioma intestinal, contribuindo com a proliferação das bactérias patogênicas, segundo a especialista. "O aumento, principalmente de proteína dietética não digerida e aquela resultante do aumento do turnover celular da mucosa intestinal gera putrefação e produção de substâncias e moléculas (aminas biogênicas, ácidos graxos de cadeia ramificada, amônia, indol, escatol) que afetam a funcionalidade da mucosa intestinal. Além da redução da absorção de nutrientes, ocorre aumento da permeabilidade intestinal, ativação do sistema imunológico do hospedeiro, translocação bacteriana e liberação de citocinas pró-inflamatórias que podem interagir com receptores em células extra-intestinais", aponta.

Para isso, de acordo com ela, são necessários ajustes na formulação das dietas, focando na alta digestibilidade e qualidade da matéria prima, nas exigências nutricionais da ave e no controle de patógenos (fungos e bactérias), além da inclusão estratégia de aditivos funcionais, que, no conjunto, se constituem a principal ferramenta preventiva para mitigar os desafios entéricos, melhorar a conversão alimentar e garantir o desempenho zootécnico e o bem-estar das aves.

Jovanir aponta que a função intestinal dos frangos de corte é modulada pela interação entre fatores ambientais, características do hospedeiro e a microbiota intestinal, cuja composição e atividade são altamente dinâmicas e sensíveis a estímulos como dieta, antibióticos, patógenos e condições de manejo. Em estado de eubiose, a microbiota contribui para a produção de metabólitos benéficos essenciais à integridade intestinal e ao desempenho produtivo; entretanto, perturbações nesse equilíbrio levam à disbiose, caracterizada por redução da diversidade microbiana, respostas inflamatórias exacerbadas e comprometimento do metabolismo intestinal. Nesse contexto, a coccidiose e a enterite necrótica, são consideradas as principais doenças entéricas da avicultura moderna por comprometem diretamente a integridade e a funcionalidade do trato gastrintestinal, devido à enterite e distúrbios na saúde intestinal como a disbiose e aumento da permeabilidade intestinal (leaky gut). O intestino inflamado oferece vantagens competitivas para as enterobactérias em relação a microbiota comensal, resultando na proliferação, de Salmonella spp. e E. coli. "A presença de cepas de Salmonella na carne de frangos impacta o custo e o fluxo de exportação e representa um risco para o consumidor final.



Além disso, a inflamação crônica ou persistente em aves, tem custos nutricionais e energéticos, que por sua vez cria custos com profilaxia e tratamento, além do custo da perda de desempenho. A dieta constitui um dos principais fatores externos que pode modular a estrutura e a funcionalidade do ambiente intestinal", diz.

PRINCIPAIS ADITIVOS UTILIZADOS NA AVICULTURA PARA MELHORAR OU PRESERVAR A SAÚDE INTESTINAL DOS FRANGOS DE CORTE: A FUNÇÃO DE ÁCIDOS ORGÂNICOS, ENZIMAS, FITOGÊNICOS E MINERAIS. A professora de avicultura e doença das aves da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Bia Fonseca, aponta que entre os principais aditivos utilizados para melhorar ou preservar a saúde intestinal dos frangos de corte estão probióticos, prebióticos, simbióticos, ácidos orgânicos, enzimas e fitogênicos. Esses produtos atuam por mecanismos que embora possam ser diferentes tem o mesmo objetivo final e podem atuar de forma complementares, favorecendo a digestão, o equilíbrio da microbiota, a integridade da mucosa e as defesas das aves. Além disso, a suplementação adequada de minerais é base para garantir a saúde da ave, incluindo, a saúde intestinal. "Há vários ácidos no mercado e, dependendo do produto, eles contribuem para a conservação da ração, a acidificação de determinados segmentos digestivos e o controle de microrganismos sensíveis, o que acaba levando à proteção do trato gastrointestinal", afirma.

Bia explica que alguns ácidos, como ácidos graxos de cadeia curta (AGCC) como acético, o propiônico e o butírico, estão, em grande parte, na forma dissociada no intestino, atuando como acetato, propionato e butirato. Esses são extremamente importantes, favorecendo a regulação e o crescimento de microrganismos benéficos, atuando no metabolismo lipídico e na modulação do sistema imune e exercendo atividade anti-inflamatória", afirma.

Embora todos sejam importantes, o butirato, naturalmente presente em menor quantidade, além da potente atividade imunomodulatória e anti-inflamatória, participa da expressão de proteínas e da proteção da barreira intestinal, sustentando a integridade da mucosa e regulando a produção de mucina, avalia Bia. Segundo ela, os AGCC são produzidos naturalmente por bactérias benéficas, no entanto, a suplementação com butirato pode complementar sua produção pela microbiota e contribuir para a saúde intestinal, dependendo da dose, da formulação e do local de liberação. "É importante salientar que os ácidos graxos de cadeia curta podem ser úteis para o controle de bactérias e do pH do trato digestório superior, porém, Quando fornecidos sem proteção, podem ser rapidamente absorvidos nas porções iniciais do trato digestório, limitando a quantidade que alcança os segmentos intestinais mais distais. Assim, há vários produtos protegidos que podem ser utilizados para aumentar a biodisponibilidade ou a liberação do butirato no trato gastrointestinal, aumentando sua eficiência nesse local", aponta.



"A presença de fatores antinutricionais nos ingredientes que constituem a dieta das aves também está associada a disfunções intestinais, em virtude de seus efeitos sobre a digestibilidade dos nutrientes, o aumento da viscosidade da digesta e o comprometimento da integridade da barreira intestinal".

Jovanir Fernandes, médica-veterinária e professora titular da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus Palotina

As enzimas adicionadas à ração melhoram o aproveitamento dos nutrientes e reduzem fatores antinutricionais. Elas atuam de várias formas, por exemplo, as xilanases e □-glucanases, degradam determinados polissacarídeos não amiláceos e podem reduzir a viscosidade do conteúdo intestinal, facilitando a digestão e a absorção e reduzindo a possibilidade de disseminação de Clostridium perfringens e de ocorrência de disbiose e/ou enterite necrótica, explica Bia. "Outro exemplo são as proteases, que auxiliam na digestão das proteínas, diminuindo a quantidade de proteína não digerida disponível para fermentação microbiana. Bactérias como Clostridium perfringens realizam a fermentação proteica, e seu aumento pode levar à disbiose e à enterite necrótica. Outros exemplos são as fitases, que degradam o fitato, liberando fósforo e reduzindo suas interações com outros nutrientes, como alguns minerais. Assim, as enzimas beneficiam o ambiente intestinal principalmente pela melhoria da digestibilidade. Sua eficácia depende dos ingredientes e dos substratos presentes na dieta", afirma.

Os fitogênicos são produtos derivados de plantas, como extratos, óleos essenciais e oleorresinas. Exemplos incluem compostos como timol e carvacrol, presentes em plantas como tomilho e orégano. Dependendo da composição e da dose, podem agir de forma direta ou indireta na saúde intestinal. Embora alguns tenham atividade antimicrobiana, os fitogênicos se destacam por sua atividade antioxidante, que contribui para a atividade imunomodulatória e anti-inflamatória, e pela modulação da microbiota, favorecendo a integridade da mucosa, detalha Bia. "Os minerais são nutrientes essenciais, e sua suplementação adequada sustenta o funcionamento intestinal, por exemplo, o Zinco que participa da renovação ▶

Fotos: divulgação e banco de imagens F&F



do epitélio, que é tão importante para a manutenção da barreira intestinal. O selênio integra sistemas antioxidantes, ajudando a proteger as células contra danos oxidativos. O Cobre e manganês participam de sistemas enzimáticos envolvidos no metabolismo, na defesa antioxidante e na manutenção dos tecidos. O uso de minerais deve ser balanceado pois o pode provocar desequilíbrios e aumentar sua excreção ambiental", diz.

PREBIÓTICOS E PROBIÓTICOS: OS PRINCIPAIS MECANISMOS PELOS QUAIS ESSES PRODUTOS PODEM CONTRIBUIR PARA O EQUILÍBRIO DA MICROBIOTA E PARA A SAÚDE INTESTINAL DAS AVES. Os probióticos são microrganismos vivos que, quando administrados em quantidades suficientes, oferecem benefícios à saúde. Bia Fonseca explica que entre as ações dos probióticos estão o aumento da biodisponibilidade e da absorção de macro e micronutrientes por meio de diferentes mecanismos, incluindo a produção de enzimas digestivas e a redução de fatores antinutricionais, a modulação da microbiota intestinal e a melhora da integridade da mucosa intestinal por meio de vários mecanismos. Segundo ela, também podem participar da síntese de vitaminas, especialmente a vitamina K e as vitaminas do complexo B, que podem contribuir para o metabolismo do hospedeiro. "Outra ação importante é a melhora da barreira intestinal por vários mecanismos, como a produção de butirato, que favorece sua integridade, e o estímulo à produção de muco. Também podem produzir substâncias antimicrobianas que contribuem para o controle de microrganismos patogênicos", afirma. "Os probióticos podem, ainda, aumentar a produção de substâncias benéficas e protetoras, promover a imunomodulação e exercer atividade anti-inflamatória. No entanto, nem todos as espécies e cepas probióticas apresentam todas essas ações ao mesmo tempo. Sua ação é dependente da espécie e também cepa, sendo importante compreender que algumas cepas apresentam ações mais potentes que outras", afirma.

Prebiótico, segundo a International Scientific Association for Probiotics and Prebiotics (ISAPP) é definido como um substrato que é seletivamente utilizado por microrganismos do hospedeiro, conferindo benefício à saúde. Há vários tipos de prebióticos como Inulina, Frutooligossacarídeos (FOS), Extrato da parede de leveduras como Mananooligossacarídeos (MOS) e β-glucanos, Galactoligossacarídeos (GOS), Oligossacarídeos de soja (SOS), Xilooligossacarídeos (XOS) e os Polifenóis. O principal mecanismo de ação dos prebióticos então é favo-

"Os antibióticos melhoradores de desempenho também promovem a modulação da microbiota e a melhora da saúde intestinal. No entanto, eles têm a grande desvantagem de selecionar cepas resistentes, que podem ser disseminadas para o meio ambiente, outros animais e seres humanos.

Ainda há certa resistência de algumas empresas e técnicos ao uso de aditivos alternativos. A rejeição aos aditivos alternativos não considera as evidências científicas disponíveis, visto que tanto os antibióticos melhoradores de desempenho quanto os aditivos anteriormente discutidos apresentam evidências de ação em diferentes estudos científicos. Além disso, várias empresas realizam essa substituição com muito sucesso".

Bia Fonseca, professora de avicultura e doença das aves da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia



Foto: divulgação

recer a microbiota benéfica o que resulta em melhora da saúde intestinal, explica Bia. “No contexto dos probióticos e prebióticos, é importante citar os simbióticos, que, de acordo com a ISAPP, são definidos como uma mistura composta por microrganismos vivos e substratos seletivamente utilizados por microrganismos do hospedeiro, conferindo benefícios à saúde deste. Esses microrganismos podem ser nativos da microbiota do próprio animal ou microrganismos administrados no simbiótico. Existem dois tipos de simbióticos: os sinérgicos e os complementares”, afirma.

Nos simbióticos sinérgicos, o substrato deve ser seletivamente utilizado pelo microrganismo coadministrado, e essa combinação deve conferir benefícios à saúde do hospedeiro, ela explica. “O substrato não precisa ser utilizado pela microbiota nativa. Embora possa também favorecer outros microrganismos benéficos da microbiota intestinal, seu principal alvo é o microrganismo coadministrado. Nos simbióticos complementares, temos um probiótico e um prebiótico, ambos com benefícios à saúde demonstrados individualmente, nas doses utilizadas. O prebiótico é seletivamente utilizado por microrganismos da microbiota do hospedeiro, sem que seja necessário favorecer especificamente o probiótico coadministrado. A combinação também deve apresentar benefício à saúde do hospedeiro”, diz.

O QUE A CIÊNCIA ATUAL APONTA SOBRE O USO DE ESTRATÉGIAS NUTRICIONAIS, ADITIVOS, PREBIÓTICOS E PROBIÓTICOS NA SAÚDE INTESTINAL DE FRANGOS DE CORTE, ESPECIALMENTE DIANTE DA NECESSIDADE DE REDUZIR O USO DE ANTIBIÓTICOS PROMOTORES DE CRESCIMENTO. “Alguns pontos devem ser considerados no uso dos aditivos alternativos. O primeiro é que são estratégias preventivas e de promoção da saúde intestinal. Muitas empresas esperam resultados milagrosos, mas não é assim que funciona. Um bom exemplo é que, no passado, quando trabalhei em granja e havia muitas opções de antibióticos promotores de crescimento, ainda enfrentávamos problemas de produtividade, baixo desempenho e saúde intestinal comprometida. Isso acontecia porque não existe produto milagroso. Não adianta utilizar o melhor produto na granja, seja um antibiótico melhorador de desempenho ou um aditivo alternativo, se não forem asseguradas condições básicas, como manejo adequado, ambiência favorável e redução dos fatores de estresse para as aves.

Usando uma comparação talvez um pouco exagerada, mas fácil de compreender, seria como querer utilizar apenas estratégias preventivas e de promoção da saúde para cuidar de animais que deveriam estar na “UTI”.

A ciência apresenta evidências provenientes de estudos de campo e metanálises. Cabe, então, selecionar o produto ou a combinação de produtos que proporcione os melhores resultados para a realidade de cada granja, sempre em conjunto com as ações básicas para condução dos lotes dentro da zona de conforto da ave”, conclui Bia Fonseca. ■



QUALIDADE DA PROGÊNIE COMEÇA NA MATRIZ E DESAFIA A AVICULTURA A REVER ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO

WORKSHOP PROMOVIDO PELA **BIOCHEM LATAM** DURANTE O PSA LATAM 2026 REUNIU ESPECIALISTAS PARA DISCUTIR A INTEGRAÇÃO ENTRE GENÉTICA, MATRIZES E DESEMPENHO DAS AVES NO CAMPO

GIOVANA DE PAULA e STÉFANNI CAMPOS CHAGAS
giovana@dc7comunica.com.br / stefanni@dc7comunica.com.br

A busca por maior eficiência na avicultura passa, necessariamente, pela origem da cadeia produtiva. Antes de avaliar o desempenho dos frangos de corte no campo, é preciso considerar as condições que influenciam a qualidade da progênie, desde a matriz e o macho reprodutor até os resultados obtidos nas etapas seguintes da produção. Essa foi uma das principais discussões do 2º workshop promovido pela Biochem Latam no último mês de outubro, em Foz do Iguaçu (PR), paralelamente à Latin American Scientific Conference (PSA Latam) 2026.

Com foco na qualidade da progênie, o encontro reuniu profissionais das áreas de genética, produção e assistência técnica para discutir os desafios da avicultura moderna e a ne-



cessidade de integrar conhecimento científico e experiência prática. A proposta foi ampliar o olhar sobre os fatores que influenciam o desempenho das aves e estimular a busca por soluções capazes de contribuir para uma produção mais eficiente.

Para Paulo Oliveira, diretor da Biochem Latam, a iniciativa está alinhada à estratégia da empresa de acompanhar as necessidades do mercado e antecipar tendências. "Temos esse foco em desenvolvimento realmente de acordo com a necessidade dos clientes, a necessidade do mercado. E não só o que ele está passando, mas tentando antecipar os eventos ou as tendências e promover um fórum de discussão de um nível de boa qualidade", afirmou.

CONTEÚDO ALINHADO AOS DESAFIOS DO CAMPO. A construção da programação começa meses antes do evento, a partir de conversas com técnicos, consultores e outros profissionais da cadeia avícola. O objetivo é identificar os temas que demandam maior atenção do setor e reunir especialistas capazes de contribuir para uma discussão conectada à realidade da produção.

Segundo Oliveira, a troca de experiências é um dos principais diferenciais do formato. Embora a pesquisa científica ofereça um volume expressivo de informações, criar oportunidades para compartilhar esse conhecimento entre os diferentes agentes da cadeia é um desafio importante. "Eu posso ter vários trabalhos, pesquisa, um monte de informação, mas eu não consigo compartilhar em geral a riqueza. Eu acho que esse é o grande ponto", destacou.

A relevância da iniciativa também é percebida pelo alcance do público participante. Segundo Oliveira, a discussão sobre a qualidade da progênie amplia o debate para além do desempenho observado no final do ciclo. O desafio está em conectar genética, manejo e nutrição às condições que favorecem a expressão do potencial produtivo das aves, considerando os diferentes elos da cadeia.

Renato Barbosa, gerente de vendas de monogástricos da Biochem Latam, observou que o workshop vem ampliando sua participação desde a primeira edição, realizada dois anos antes, também em paralelo ao PSA. "Os principais players hoje do mercado nacional estão aqui dentro, então realmente a relevância é muito grande em todas as áreas do Brasil", pontuou.



Paulo Oliveira, diretor da Biochem Latam



Renato Barbosa, gerente de vendas de monogástricos da Biochem Latam

Para o executivo, a presença de profissionais de diferentes regiões e empresas de genética fortalece o intercâmbio de experiências e amplia as perspectivas sobre os desafios da produção.

MATRIZ E REPRODUTOR NO CENTRO DA ESTRATÉGIA. Um dos pontos centrais do debate foi a necessidade de antecipar os desafios produtivos, em vez de concentrar esforços apenas na correção de problemas identificados nas fases posteriores da cadeia. A qualidade da progênie, nessa perspectiva, deve ser trabalhada desde a origem, com atenção às condições das matrizes e dos machos reprodutores.

Na avaliação de Barbosa, parte das ações adotadas pelo setor ainda tem caráter corretivo, direcionado a contornar dificuldades quando elas já se manifestaram nas aves. "A gente muitas vezes está tomando medida paliativa. Então o produto já chega com algum problema, com algum desafio e a gente está tentando contornar o problema. E, na realidade, hoje a gente está dando um passo atrás", explicou.

A proposta é ampliar a abordagem preventiva e considerar os fatores que podem influenciar o desenvolvimento e o desempenho da progênie antes mesmo de sua chegada ao campo. Isso exige uma visão integrada da cadeia, na qual as decisões tomadas na reprodução sejam consideradas parte da estratégia para alcançar melhores resultados na produção de frangos de corte.

EVOLUÇÃO GENÉTICA EXIGE ADAPTAÇÃO CONTÍNUA. O avanço genético das aves amplia o potencial produtivo da avicultura, mas também exige ajustes constantes nos sistemas de produção. Para Oliveira, os desafios relacionados à produtividade e à adaptação às características genéticas tornam essencial a proximidade entre a indústria fornecedora de soluções e os produtores. "Especificamente na avicultura, a gente tem visto muito desafio em relação à produtividade, às dificuldades com os ajustes genéticos. Então, a ideia é estar junto com o produtor e falar da sua dor", afirmou.

Com atuação em diferentes mercados da América Latina, do México à Argentina, a Biochem acompanha demandas relacionadas à segurança e à qualidade dos produtos, à saúde intestinal e à eficiência na utilização de nutrientes. A diversidade de cenários reforça a importância de compreender as particularidades de cada sistema produtivo e buscar alternativas compatíveis com suas necessidades. ■

Fotos: divulgação

MISSÃO DA ABIQUIFI AO MÉXICO ABRE OPORTUNIDADES PARA EXPORTAÇÃO DE INSUMOS E PRODUTOS DE SAÚDE ANIMAL



DA BIODIVERSIDADE À INOVAÇÃO, O BRASIL REÚNE CIÊNCIA, RECURSOS NATURAIS E UM MERCADO ESTRATÉGICO, MAS AINDA PRECISA SUPERAR DESAFIOS REGULATÓRIOS E APROXIMAR PESQUISA, INDÚSTRIA E INVESTIMENTOS

POR ABIQUIFI

Em três dias de agenda, Helena Faccioli, Head de Inovação em Saúde Animal da Abiquifi, conversou com o regulador mexicano, visitou laboratório e feira e ouviu das empresas locais que há interesse em importar do Brasil.

Empresas mexicanas têm interesse em importar produtos brasileiros de saúde animal, especialmente os inovadores. Para aproveitar essa demanda, é preciso observar as peculiaridades locais, como os requisitos técnicos e regulatórios, que podem ser atendidos com o apoio de consultorias especializadas e a intermediação de distribuidores. Esse é o balanço da missão prospectiva da Abiquifi ao México, realizada entre 19 e 21 de outubro, que estreitou o diálogo com autoridades sanitárias e empresas do país.

A viagem dá sequência a uma aproximação recente. Em abril, a pedido do Consulado mexicano, a associação liderou um encontro entre governos e setor produtivo para fortalecer a cooperação regulatória e comercial, no qual o ministro da Saúde, David Kershenobich, destacou o acordo entre Anvisa e Cofepris e o interesse em ampliar a produção local de IFAs. Em setembro, o presidente-executivo da entidade, Norberto Prestes, cumpriu agendas empresariais e visitas técnicas na capital mexicana, a convite do Ministério da Saúde.

DIPLOMACIA E REGULAÇÃO. A agenda começou em 19/10, com reunião na Embaixada do Brasil, com o primeiro-secretário Evandro Zago e a adida do MAPA, Luna Lisboa, sobre abertura comercial, estudos setoriais e requisitos de registro de produtos. Em seguida, a comitiva foi recebida pelo SENASICA, autoridade sanitária mexicana, para tratar do alinhamento regulatório do registro de fármacos, biológicos e produtos para alimentação animal, de produção e pet. Segundo Helena, o órgão deixou aberto um canal de comunicação com as empresas brasileiras para consultas técnicas sobre enquadramento de produtos e requisitos de registro.

No mesmo dia, a delegação reuniu-se com a consultoria mexicana contratada pela Abiquifi, especializada em soft landing de empresas brasileiras. Responsável pela parte burocrática, financeira e regulatória de quem deseja exportar para o país, a consultoria prepara um estudo sobre as condições do mercado local.

O MERCADO MEXICANO TEM REQUISITOS TÉCNICOS E REGULATÓRIOS PRÓPRIOS, E AS EMPRESAS BRASILEIRAS ESTÃO APTAS E CAPACITADAS A CUMPRI-LOS

LABORATÓRIO, PARCERIAS E FEIRA. Em 20/10, a missão visitou o laboratório Lapisa, em La Piedad, líder do setor agropecuário e de saúde animal com mais de 45 anos de atuação, e apresentou à sua equipe de novos negócios internacionais companhias brasileiras com produtos inovadores que buscam parceiros no México. A programação incluiu ainda a visita à feira FIGAP, uma das principais do setor na América Latina. "Visitei estandes e conversei com empresas que desenvolvem produtos para a saúde animal, principalmente aditivos e suplementos para alimentação, para entender o que os outros países estão desenvolvendo e que tipo de tecnologia estão aplicando", afirma Helena Faccioli.

INTERESSE EM INOVAÇÃO, VIA DISTRIBUIDORES. Para Helena Faccioli, o recado das empresas mexicanas foi claro. "Há interesse em importar produtos, principalmente inovadores, para ampliar o portfólio. As empresas importam muitos IFAs e querem importar do Brasil. O melhor caminho é por meio de distribuidores locais, que fazem essa intermediação e facilitam os trâmites para os dois lados", afirmou.

A executiva destaca que o mercado mexicano tem requisitos técnicos e regulatórios próprios, e que as empresas brasileiras estão aptas e capacitadas a cumpri-los. "Existem exigências a serem seguidas, e as empresas brasileiras têm competência e estrutura para atendê-las, especialmente com o suporte de consultorias especializadas. A entrada no mercado mexicano é viável e há mercado", completou.

PRÓXIMOS PASSOS. Para o tema avançar no âmbito setorial, a Abiquifi se desdobra atualmente em um relatório com as agendas realizadas e fomentadas durante a missão prospectiva, a fim de apresentar as oportunidades do mercado mexicano aos associados da entidade e participantes do Projeto Brazilian Pharma & Health (BPH). ■

Quer obter mais informações? Escreva para **helena.faccioli@abiquifi.org.br**

Fotos: banco de imagens F&F

STIR FANS: MAIS EFICIÊNCIA TÉRMICA, ECONOMIA E DESEMPENHO NO AVIÁRIO

TECNOLOGIA QUE DISTRIBUI MELHOR O AR, REDUZ CUSTOS E FAVORECE O DESEMPENHO DAS AVES

POR GABRIELA PEREIRA

CONFORTO TÉRMICO E MELHOR APROVEITAMENTO DA ENERGIA

Os stir fans, ou ventiladores de circulação interna, têm papel estratégico no controle ambiental dos aviários, principalmente durante a ventilação mínima em períodos frios. Sua função é promover a mistura do ar dentro do galpão, reduzindo diferenças de temperatura entre o teto e a altura das aves e ajudando a manter um ambiente mais uniforme.

Como o ar quente tende a subir e se concentrar nas partes mais altas da instalação, parte da energia gerada pelos aquecedores pode não chegar de forma eficiente ao nível dos pintinhos. Ao recircular esse calor, os stir fans quebram a estratificação térmica, melhoram o conforto das aves e contribuem para um aquecimento mais homogêneo desde o pré-aquecimento do galpão.





Imagem 1. Posicionamento dos stir fans na linha central de um aviário convencional



Imagem 2. Exemplo de instalação lateral em aviário com inlet central de teto

Esse movimento também reduz o tempo de funcionamento dos aquecedores e pode gerar economia de combustível entre 10% e 25%. Em construções com pé-direito elevado ou sistemas de aquecimento convectivo, a redução pode chegar a 40%, desde que o conjunto esteja corretamente dimensionado, instalado e manejado.

QUALIDADE DA CAMA E DO AR

A circulação contínua e bem direcionada favorece ainda a retirada de umidade da cama. Com uma superfície mais seca, diminuem as condições que favorecem a formação de amônia, contribuindo para a qualidade do ar, o bem-estar das aves e melhores condições de manejo ao longo do lote. O resultado é um ambiente mais estável, com impacto positivo sobre a eficiência produtiva.

INSTALAÇÃO CORRETA FAZ A DIFERENÇA

Em geral, os equipamentos são montados ao longo da linha central do galpão e devem direcionar o ar horizontalmente. O fluxo nunca deve ser lançado diretamente para baixo, pois isso pode criar correntes de ar sobre as aves. Em aviários mais largos, equipados com inlet central de teto, o posicionamento recomendado é em duas fileiras laterais, para ampliar a uniformidade da circulação.

Outro cuidado essencial é não instalar os circuladores na mesma linha de aquecedores do tipo campânula a gás. O fluxo de ar pode comprometer a capacidade de aquecimento, alterar o alcance da chama no cone de radiação e reduzir a vida útil do equipamento. Por isso, o projeto deve considerar a interação entre ventilação, aquecimento e geometria do aviário.

MANEJO DESDE O PRÉ-AQUECIMENTO

Os stir fans devem ser acionados ainda no pré-aquecimento, antes da chegada do lote, e permanecer em operação enquanto o aviário trabalhar em ventilação mínima. Em instalações com forração, recomenda-se o funcionamento alternado com o exaustor e de forma temporizada. Já em aviários altos e sem forração, a operação pode ser contínua.

Quando corretamente aplicados, esses ventiladores tornam o ambiente mais uniforme, aproveitam melhor a energia disponível e apoiam decisões de manejo mais eficientes. Mais do que movimentar o ar, os stir fans conectam conforto térmico, qualidade da cama, economia operacional e desempenho produtivo. ■

Gabriela Pereira, Gerente Técnica - CRMV-SP – 16.892

Fotos: arquivo técnico Plasson

MINERAIS, PREÇOS E TECNOLOGIA PAUTAM ENCONTRO DA ASBRAM

EM CAMPO GRANDE, ESPECIALISTAS ANALISARAM OS **IMPACTOS DA SUPLEMENTAÇÃO NA SANIDADE**, OS RISCOS DO CICLO PECUÁRIO E AS MUDANÇAS NO MERCADO DE NUTRIÇÃO ANIMAL

KEVIN NASCIMENTO
kevin@dc7comunica.com.br

A relação entre sanidade, custos e eficiência marcou a reunião da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM), realizada em 15 de outubro, em Campo Grande (MS). O encontro reuniu especialistas para discutir mineralização de bovinos, preços da arroba, produtividade da cria, regulação, liderança e tendências comerciais da suplementação. A entidade também relatou aproximação com a Embrapa para difundir boas práticas e sustentabilidade.

MINERAIS E IMUNIDADE. Destaque da programação, Enrico Ortolani, professor titular sênior da Universidade de São Paulo (USP), explicou que as deficiências minerais dependem das condições de solo, pastagem, água e estação. Ele destacou carências de fósforo, enxofre e sódio, além de cobre, zinco, iodo e cobalto, e defendeu ampliar os estudos sobre o selênio. Em levantamento com 480 amostras de forragem em São Paulo, sua equipe identificou limitações de enxofre em diferentes regiões. Ortolani também alertou que o excesso de ferro pode interferir na disponibilidade do cobre, reforçando a necessidade de avaliar as interações entre elementos.

O professor relacionou cobre e zinco à resposta imune e mostrou resultados de um experimento com bezerros submetidos a estresse: 8% dos suplementados com cromo apresentaram agitação em teste de manejo, contra 32% dos não suplementados. A resposta, restrita às condições do estudo, não autoriza indicação generalizada. Ortolani também alertou para a necessidade de antecedência no manejo: "o suplemento mineral é importante, mas ele não é mágico".

ARROBA EM ALTA, MARGEM SOB RISCO. Rodrigo Albuquerque explicou que a retenção e o descarte de fêmeas influenciam a oferta de bovinos e os preços por vários anos. Na reunião, citou referência de R$ 395 por arroba no mercado futuro e contratos próximos de R$ 400 para outubro de 2027, sem tratar esses valores como garantidos. Ao alertar para o risco de pagar caro pela reposição durante a valorização, resumiu: "A pecuária quebra na alta". Defendeu cálculo do custo, margem desejada e instrumentos de proteção de preços, considerando também câmbio e exportações. O risco, ressaltou, é comprar animais de reposição em um pico de valorização e comercializar o produto em uma fase posterior de queda.

CRIA, REGULAÇÃO E GESTÃO. José Neuman Miranda Neiva, da Universidade Federal do Norte do Tocantins, defendeu mais eficiência na alimentação das matrizes e na reprodução. "Vacas subalimentadas sobrevivem, mas não dão lucro", afirmou, ao mostrar que antecipar, por exemplo, a idade ao primeiro parto de 48 para 36 meses pode mudar a estrutura do rebanho.

Vivian Palmeira, do Ministério da Agricultura e Pecuária, apresentou propostas de atualização das regras de aditivos e rotulagem, ainda dependentes de tramitação. "A proposta aqui, realmente, é de enxugar essa norma de rotulagem e propaganda para que fique mais fácil para todo mundo", explicou. Sobre sucessão e inteligência artificial, o consultor Cláudio Pelizzari ressaltou: "A inteligência artificial, ela aumentou muito o nosso poder, mas ela também aumentou a nossa responsabilidade". ■



Enrico Ortolani apresentou evidências sobre a relação entre nutrição mineral, estresse e defesas dos bovinos



Rodrigo Albuquerque discutiu o ciclo pecuário e a importância de proteger margens diante da oscilação da arroba

Fotos: divulgação

BAIA DE MATERNIDADE

mais resultado com a Plasson

Reduza perdas, aumente a eficiência e eleve os resultados da sua granja com as baias de maternidade Plasson.

Nossas soluções reduzem o esmagamento de leitões, melhoram a ambiência e garantem mais conforto. Refletindo diretamente em maior produtividade e desempenho da sua granja.

Mais tecnologia, mais controle e mais retorno para o seu investimento.



PLASSON.
TECNOLOGIA QUE GERA PRODUTIVIDADE.

PLASSON®
Livestock



VETANCO REPOSICIONA SUA MARCA E REFORÇA ESTRATÉGIA BASEADA EM CIÊNCIA, INOVAÇÃO E PROXIMIDADE COM O CAMPO

ÀS VÉSPERAS DE COMPLETAR 40 ANOS, **EMPRESA ATUALIZA SUA IDENTIDADE PARA REFLETIR A EVOLUÇÃO CIENTÍFICA E INTERNACIONAL DOS NEGÓCIOS.** REPOSICIONAMENTO REFORÇA O FOCO EM SOLUÇÕES BIOTECNOLÓGICAS, ATENDIMENTO CONSULTIVO E RESULTADOS MENSURÁVEIS PARA A CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A transformação da produção de proteína animal tem ampliado a demanda por soluções capazes de conciliar desempenho zootécnico, saúde dos animais, biosseguridade, segurança dos alimentos e sustentabilidade. Nesse cenário, empresas de saúde e nutrição animal são desafiadas a ir além do fornecimento de produtos, oferecendo conhecimento técnico, inovação e suporte para decisões cada vez mais complexas no campo.

É nesse contexto que a Vetanco apresenta seu novo posicionamento de marca, sintetizado pela assinatura "Transformando o futuro da saúde animal". A iniciativa atualiza a identidade visual e a comunicação da companhia para refletir uma evolução construída ao longo de quase quatro décadas, marcada pela expansão internacional, pelo fortalecimento da pesquisa e pelo desenvolvimento de soluções para diferentes segmentos da produção animal.

De acordo com Thiago Tejkowski, Global Marketing da Vetanco, mais do que uma mudança estética, o rebranding representa, segundo a empresa, uma etapa de alinhamento entre a percepção do mercado e a dimensão que seus negócios alcançaram. Ele explica que o objetivo é consolidar a imagem da Vetanco como uma empresa de ciência e saúde animal, com capacidade para transformar conhecimento científico em soluções práticas e resultados para produtores, agroindústrias, distribuidores e profissionais do setor. "A proximidade com os clientes permanece como um dos pilares da estratégia, assim como o compromisso com a saúde animal. A mudança está na maneira de comunicar esses atributos e na ênfase dada à integração entre pesquisa, conhecimento técnico e aplicação no campo", destaca Tejkowski.

UMA MARCA ALINHADA À EVOLUÇÃO DOS NEGÓCIOS. O crescimento da companhia nos últimos anos foi um dos principais fatores que motivaram a revisão da identidade. De acordo com Thiago Tejkowski, a expansão do faturamento, a presença em diferentes mercados e o avanço da capacidade científica fizeram com que a marca an-

terior já tenha cumprido o seu papel.

Ele destaca que mais da metade de seu faturamento já vem de fora da Argentina e que seu tamanho mais do que dobrou nos últimos cinco anos. Esse avanço ampliou a relevância da atuação internacional e reforçou a necessidade de uma comunicação consistente entre países, mercados e públicos. "O diagnóstico que orientou o projeto foi desenvolvido a partir de pesquisas, análises e escuta de diferentes públicos. A conclusão foi preservar os elementos fundamentais da trajetória da empresa — nome, história, valores e compromisso com a saúde animal — e atualizar a maneira de apresentar suas competências e ambições", afirma.

A nova identidade passa a destacar três eixos estratégicos: pessoas, pesquisa e produtos. A proposta é demonstrar como a expertise dos profissionais, a colaboração científica e a aplicação do conhecimento se complementam no desenvolvimento de soluções para os desafios sanitários e produtivos.

O conceito que conecta esses pilares é "Ciência com alma humana". A expressão sintetiza a intenção de combinar rigor científico e inovação com relacionamento próximo, compreensão das necessidades dos clientes e agilidade na resposta às demandas do campo. "A mudança também acompanha uma transformação no próprio mercado de saúde animal. A pressão por eficiência, as exigências de biosseguridade, a busca por alimentos seguros e a necessidade de racionalizar o uso de antibióticos aumentaram a importância de abordagens preventivas e de programas técnicos adaptados às condições de cada sistema de produção", explica Tejkowski.

Nesse ambiente, a Vetanco pretende reforçar sua diferenciação não pela escala, mas pela combinação entre conhecimento científico, presença técnica e capacidade de adaptação às realidades locais.

UMA ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO COM HORIZONTE ATÉ 2037. A renovação da marca faz parte de um planejamento de longo prazo que se estende até 2037. A jornada definida pela companhia prevê, inicialmente, consolidar a nova identidade e o modelo de relacionamento com os clientes entre 2026 e 2027, período que inclui a preparação para o marco de 40 anos da empresa, em 2027.

Thiago Tejkowski detalha que, entre 2028 e 2030, a prioridade será fortalecer a pesquisa colaborativa, ampliar a geração de evidências e tornar o conhecimento científico mais acessível ao mercado. "Na etapa seguinte, de 2031 a 2033, a empresa pretende ampliar sua presença geográfica e o portfólio de soluções. Para o período de 2034 a 2037, a ambição é se tornar referência no desenvolvimento de ferramentas biotecnológicas para a saúde animal", diz.

O reposicionamento deverá ser acompanhado por indicadores relacionados ao reconhecimento da marca, à percepção de inovação e liderança técnica, ao engajamento com conteúdos científicos e à satisfação e fidelidade dos clientes. "No âmbito comercial, a companhia também pretende observar o crescimento por país e espécie, a participação de novas soluções no faturamento e o valor gerado aos clientes", afirma.

A implementação da nova identidade envolverá colaboradores, distribuidores e representantes, com materiais padronizados, orientações e treinamentos em português, espanhol e inglês. A intenção é assegurar que a mensagem seja consistente nos diferentes mercados e que a mudança seja incorporada às interações cotidianas com os clientes.

Para a cadeia de proteína animal, o principal teste dessa nova fase estará na capacidade de converter o posicionamento em entregas concretas: soluções tecnicamente fundamentadas, atendimento especializado e resultados que possam ser avaliados na produção. "Ao atualizar a marca sem romper com sua história, a Vetanco busca comunicar uma ambição que vai além da identidade visual. A empresa pretende ampliar sua participação no desenvolvimento de tecnologias para a saúde animal e fortalecer sua posição como parceira dos sistemas de produção que precisam combinar eficiência, prevenção sanitária e segurança dos alimentos", afirma Thiago Tejkowski.

Em um mercado cada vez mais exigente, a consolidação dessa estratégia dependerá, segundo ele, da capacidade de transformar pesquisa em aplicação prática e de demonstrar, no campo, o valor das soluções oferecidas. "É nessa conexão entre ciência, relacionamento e desempenho produtivo que a companhia pretende sustentar seu próximo ciclo de crescimento", conclui. ■

"O novo posicionamento prepara a Vetanco para a próxima fase: crescer em novos mercados e liderar o desenvolvimento de ferramentas biotecnológicas para a saúde animal até 2037. Vamos medir esse movimento pela confiança na marca, pela força das relações com os clientes e, principalmente, pelo resultado que o produtor obtém na granja".

Thiago Tejkowski, Global Marketing da Vetanco



Fotos: banco de imagens F&F e divulgação



Jorge Winokur
Presidente Vetanco S.A.

Um novo ciclo!
Uma nova marca!
A mesma essência!

Cada passo da Vetanco reforça
o compromisso de construir o amanhã.
Porque **quando ciência e o cuidado andam lado a lado, a inovação não é um destino, é um caminho.**



Horacio Mancini

Vice-presidente Vetanco S.A.

vetanco

Transformando o **futuro**
da saúde animal

SUINOCULTURA BRASILEIRA AMPLIA MERCADOS E ABRE NOVAS OPORTUNIDADES DE AGREGAÇÃO DE VALOR

PROTOCOLO PARA EXPORTAÇÃO DE MIÚDOS À CHINA TEM POTENCIAL DE GERAR **MAIS DE US$ 100 MILHÕES ADICIONAIS EM RECEITA**; EMBARQUES BRASILEIROS SE APROXIMAM DE 1,2 MILHÃO DE TONELADAS ENTRE JANEIRO E SETEMBRO DE 2026



POR ABPA

A suinocultura brasileira avança em duas frentes complementares no comércio internacional: a ampliação de sua presença em diferentes destinos e a conquista de oportunidades para agregar valor à produção. Enquanto as exportações acumuladas em 2026 se aproximam de 1,2 milhão de toneladas, a assinatura do protocolo para inclusão de miúdos suínos entre os produtos autorizados para exportação à China abre uma nova perspectiva de receita para a cadeia produtiva.

Formalizado pelas autoridades chinesas em setembro, o protocolo é resultado de um trabalho de negociação conduzido pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), em diálogo com o setor. Para a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), trata-se de uma das mais relevantes ampliações recentes de acesso a mercado para a suinocultura nacional.

As estimativas da entidade indicam que mais de 100 mil toneladas anuais de miúdos brasileiros poderão ter destinação qualificada ao mercado chinês. O potencial de receita adicional supera US$ 100 milhões, considerando a valorização desses produtos em um destino com forte demanda por itens que ocupam espaço próprio na culinária e nos hábitos de consumo locais. "Mais do que ampliar nossas possibilidades comerciais, este protocolo qualifica a destinação dos produtos brasileiros, agrega valor à produção e gera novas oportunidades para toda a cadeia", afirma o presidente da ABPA, Ricardo Santin.

COMPLEMENTARIDADE QUE GERA VALOR. A relação comercial entre Brasil e China no segmento de carne suína já tem uma trajetória consolidada. Entre 2013 e 2024, os embarques brasileiros para o país asiático somaram 2,7 milhões de toneladas. O acesso aos miúdos, entretanto, permanecia limitado.

Santa Catarina estava autorizada a exportar determinados miúdos externos, como pés, orelhas e rabos, mas não miúdos internos. Com o novo protocolo, a ABPA estima, somente para o estado, um potencial de destinação de 65,9 mil toneladas anuais de miúdos internos ao mercado chinês. No Rio Grande do Sul, o potencial identificado supera 40 mil toneladas anuais de miúdos suínos.

São produtos que já encontram destinação comercial, mas que podem alcançar maior valorização em um mercado com preferências de consumo distintas das brasileiras. Essa complementaridade permite melhorar o aproveitamento econômico da carcaça e ampliar a receita obtida com a produção.

A conquista também se insere em um contexto de fortalecimento do reconhecimento sanitário brasileiro. Em maio de 2025, a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) reconheceu todo o território nacional como livre de febre aftosa sem vacinação, reforçando as condições para a ampliação do acesso internacional.

EXPORTAÇÕES CRESCEM NO ACUMULADO. As novas oportunidades surgem em um ano de crescimento dos embarques. Entre janeiro e setembro de 2026, o Brasil exportou 1,192 milhão de toneladas de carne suína, considerando todos os produtos, entre in natura e processados. O resultado representa alta de 6,2% sobre as 1,122 milhão de toneladas registradas no mesmo período de 2025.

A receita acumulada chegou a US$ 2,737 bilhões, avanço de 1,3% em relação aos US$ 2,703 bilhões do ano anterior. O crescimento mais moderado da receita em comparação ao volume reforça a relevância de oportunidades que contribuam para valorizar os produtos comercializados.

Em setembro, os embarques totalizaram 135 mil toneladas, volume 11% inferior às 151,6 mil toneladas exportadas no mesmo mês de 2025. A receita mensal atingiu US$ 289,3 milhões, redução de 21,5% na mesma comparação. Apesar do recuo no mês, o desempenho acumulado permanece acima do registrado no ano anterior.

DIFERENTES DESTINOS SUSTENTAM AS OPORTUNIDADES. O comportamento dos mercados em setembro mostra movimentos distintos entre os compradores. As Filipinas mantiveram a liderança, com 25,691 mil toneladas, embora tenham registrado queda de 47,7% em relação ao mesmo mês de 2025.

Na sequência, o Japão importou 15,916 mil toneladas, crescimento de 38,9%, enquanto o Chile adquiriu 14,431 mil toneladas, avanço de 72%. A China recebeu 11,418 mil toneladas, e o Vietnã, 7,392 mil toneladas.

Outros destinos também apresentaram expansão expressiva. As vendas para a Argentina cresceram 73,8%, alcançando 7,312 mil toneladas. A República Dominicana importou 2,129 mil toneladas, alta de 53,6%, e o Peru recebeu 1,054 mil toneladas, crescimento de 104,6%. Na África do Sul, os embarques chegaram a 822 toneladas, avanço de 99,4%. A Malásia, mercado recentemente aberto à carne suína brasileira, adquiriu 1,918 mil toneladas no mês.

Esse conjunto de resultados evidencia a importância de desenvolver diferentes mercados e ampliar as possibilidades comerciais para cada produto. Nesse cenário, o protocolo com a China acrescenta uma oportunidade estratégica: transformar a complementaridade entre os dois países em maior valorização da produção brasileira. "O setor brasileiro está preparado para transformar este novo acesso em comércio, agregação de valor e geração de renda", destaca Santin. ■

Foto: banco de imagens F&F



CREEP FEEDING GANHA IMPORTÂNCIA COMO FERRAMENTA DE ADAPTAÇÃO ALIMENTAR DOS LEITÕES

MAIS DO QUE CONTRIBUIR PARA O GANHO DE PESO NA MATERNIDADE, **ESTRATÉGIA PREPARA O LEITÃO PARA O DESMAME**, FAVORECE O CONSUMO PRECOCE DE RAÇÃO E PODE INFLUENCIAR O DESEMPENHO DURANTE A CRECHE

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br



O creep feeding, prática que consiste no fornecimento de alimento sólido aos leitões ainda durante a fase de maternidade, vem ganhando uma nova perspectiva dentro dos sistemas modernos de produção de suínos. Tradicionalmente associado ao fornecimento adicional de nutrientes e ao aumento do peso ao desmame, o manejo pode ter uma função ainda mais estratégica: preparar o leitão para a transição alimentar que ocorre após a retirada da matriz.

Para Vinícius Cantarelli, zootecnista e consultor, ligado à UFLA/NESUI/ASIH, o conceito precisa ser ampliado. "O objetivo não é apenas melhorar o ganho de peso do leitão durante a lactação, mas desenvolver precocemente seu comportamento alimentar", explica.

Segundo o especialista, o desmame representa uma combinação de desafios para o animal. Além da retirada do leite materno, o leitão enfrenta mudança de ambiente, mistura social e transição para uma dieta exclusivamente sólida. Nesse contexto, chegar à creche já familiarizado com o alimento pode reduzir parte do impacto dessa mudança. "Quanto mais familiarizado o leitão estiver com o alimento antes desse momento, menor tende a ser a ruptura alimentar", afirma Cantarelli.

TREINAMENTO ALIMENTAR COMEÇA NA MATERNIDADE. O fornecimento de creep feed pode cumprir diferentes funções. Entre elas está a oferta de nutrientes adicionais, especialmente em leitegadas numerosas, nas quais a produção de leite da matriz pode se tornar um fator limitante para o crescimento.

Outra função está relacionada à adaptação do trato gastrointestinal aos alimentos sólidos. Entretanto, Cantarelli destaca o aprendizado alimentar como um dos principais benefícios da estratégia.

Na prática, o leitão passa a reconhecer o comedouro e o alimento, além de ter contato prévio com características como aroma, textura e ingestão da ração. Assim, depois do desmame, ele não precisa começar esse processo de aprendizagem do zero. "Gosto de definir o creep feeding como uma forma de treinamento alimentar pré-desmame", resume o especialista.

Essa abordagem também ajuda a explicar por que o sucesso da estratégia não deve ser medido exclusivamente pelo peso dos animais ao desmame.

PRIMEIROS DIAS DE CRECHE PODEM DEFINIR A TRAJETÓRIA DO LEITÃO. O consumo de ração imediatamente após o desmame é considerado um dos pontos críticos para o desempenho inicial na creche. De acordo com Cantarelli, estudos conduzidos pelo ASIH – Animal Science and Intestinal Health, linha de pesquisa que orienta, reforçam a importância desse período.

Em um dos trabalhos, foram avaliadas as correlações entre diferentes indicadores e o peso dos animais na saída da creche. O consumo de ração na primeira semana pós-desmame apresentou forte correlação com o ganho de peso diário no mesmo período, com r = 0,90. Já o peso aos sete dias pós-desmame apresentou forte correlação com o peso aos 42 dias, correspondente à saída da creche, com r = 0,83.

Os resultados ajudam a evidenciar a relevância dos primeiros dias após o desmame para a trajetória de crescimento do animal. "Isso mostra como os primeiros dias têm capacidade de influenciar a trajetória posterior do animal", destaca Cantarelli.

Nesse contexto, o creep feeding pode contribuir ao aumentar a probabilidade de que o leitão reconheça e consuma alimento rapidamente depois da retirada do leite.

UNIFORMIDADE DEPENDE DA PROPORÇÃO DE LEITÕES QUE APRENDEM A COMER. Outro possível efeito do creep feeding está relacionado à uniformidade da leitegada. Cantarelli, entretanto, ressalta que esse resultado não é automático. O consumo durante a maternidade pode apresentar grande variação entre os animais. Enquanto alguns leitões começam rapidamente a consumir a ração, outros praticamente não ingerem alimento sólido.

Por isso, segundo o especialista, o foco do manejo não deveria estar apenas na quantidade total de ração consumida pela leitegada. Mais importante seria aumentar a proporção de animais que efetivamente desenvolvem o comportamento de consumo. "Eu avaliaria o creep feeding menos pela quantidade total de ração desaparecida do comedouro e mais pela capacidade de fazer um número elevado de leitões aprender a comer", afirma.

A lógica é reduzir a quantidade de animais que chegam ao desmame sem experiência prévia com alimento sólido e, consequentemente, diminuir parte da variabilidade de resposta nos primeiros dias de creche.

ESTRATÉGIA DE DESMAME REFORÇA IMPORTÂNCIA DA ADAPTAÇÃO ALIMENTAR. Resultados obtidos em outro estudo conduzido pela equipe do ASIH, no Centro de Pesquisa da Animalnutri, também ajudam a compreender a importância da adaptação alimentar.

O trabalho avaliou diferentes estratégias de desmame, entre elas o Desmame Segregado Estratégico (DSE). Nesse sistema, a matriz é retirada aos 21 dias, enquanto os leitões permanecem por mais dois dias na gaiola de maternidade. A proposta é separar dois importantes fatores de estresse associados ao desmame: a retirada do leite e a mudança de ambiente.

Segundo Cantarelli, os animais submetidos ao DSE estabeleceram mais rapidamente o consumo após o desmame e apresentaram maior consumo de ração na primeira semana em comparação ao desmame convencional.

O estudo não avaliou diretamente o creep feeding como tratamento. Ainda assim, segundo o especialista, os resultados ajudam a sustentar o princípio comportamental e fisiológico por trás da estratégia: estabelecer o consumo o mais rapi- ▶

Foto: banco de imagens F&F

damente possível após a retirada do leite é determinante para a resposta inicial do leitão.

"POUCO E FREQUENTE" É PRINCÍPIO IMPORTANTE DO MANEJO. Para que o creep feeding cumpra sua função, não basta oferecer uma dieta de alta qualidade. A ração deve ser palatável, fresca, segura e composta por ingredientes de elevada digestibilidade, mas o manejo do alimento também exerce papel fundamental.

ENTRE AS PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES ESTÃO:

1. Fornecer pequenas quantidades várias vezes ao dia;
2. Manter a ração sempre fresca;
3. Utilizar comedouros limpos e de fácil acesso;
4. Posicionar o comedouro em local que favoreça a exploração pelos leitões;
5. Iniciar o fornecimento suficientemente cedo para permitir o aprendizado;
6. Evitar excesso de ração no comedouro;
7. Minimizar desperdício e contaminação;
8. Estimular a curiosidade dos animais durante os fornecimentos.

Nesse sentido, Cantarelli resume o conceito em uma expressão: "pouco e frequente". A proposta não é simplesmente manter o comedouro cheio, mas criar oportunidades repetidas para que os leitões explorem o alimento e desenvolvam o comportamento de consumo.

RETORNO ECONÔMICO DEVE SER AVALIADO ALÉM DO PESO AO DESMAME

A análise econômica do creep feeding também precisa considerar os efeitos posteriores ao período de maternidade. O retorno da estratégia não necessariamente estará concentrado no peso adicional obtido antes do desmame.

Entre os possíveis impactos estão maior consumo nas primeiras 72 horas pós-desmame, melhor ganho de peso nas primeiras semanas, menor proporção de leitões atrasados, redução da necessidade de manejos especiais, maior uniformidade dos lotes e redução dos dias necessários para atingir determinado peso. Por isso, Cantarelli recomenda uma análise sistêmica. "O impacto econômico do creep feeding deve ser analisado de forma sistêmica, considerando seus efeitos ao longo da creche e das fases posteriores", explica.

Também é necessário considerar o desperdício. Como o creep feed normalmente envolve uma dieta de maior custo, volumes elevados descartados no comedouro podem comprometer rapidamente o retorno sobre o investimento. "O melhor programa não é necessariamente aquele que utiliza mais creep feed, mas aquele que consegue maior proporção de leitões consumidores com menor desperdício", ressalta.

INDICADORES AJUDAM A MEDIR A VIABILIDADE NA GRANJA. Para avaliar a eficiência do programa, o especialista recomenda acompanhar indicadores em diferentes momentos da produção.

Na maternidade, podem ser monitorados o consumo de creep feed por leitegada e por leitão, o desperdício, a proporção estimada de consumidores, o peso ao desmame e o coeficiente de variação do peso.

Já nos primeiros dias de creche, são importantes indicadores como a porcentagem de leitões consumindo ração nas primeiras 24 horas, o consumo acumulado nos primeiros três e sete dias, o ganho de peso diário inicial, a incidência de diarreia e a necessidade de animais de recuperação.



Vinícius Cantarelli, zootecnista e consultor: "O objetivo não é apenas melhorar o ganho de peso do leitão durante a lactação, mas desenvolver precocemente seu comportamento alimentar".

Na dimensão econômica, devem entrar na análise o custo do creep feed por leitão desmamado, o custo por quilograma adicional produzido, mortalidade, refugagem, uniformidade na saída da creche, dias adicionais de alojamento e eventuais impactos sobre o fluxo da granja.

DE GANHO DE PESO PARA APRENDIZADO ALIMENTAR. A principal mudança de conceito proposta por Cantarelli é justamente ampliar a forma como o creep feeding é avaliado.

Em vez de considerar exclusivamente quanto peso a estratégia acrescenta durante a maternidade, o foco passa a ser também a capacidade de ensinar o leitão a comer antes do desmame.

Essa perspectiva ganha relevância em sistemas modernos, marcados por leitegadas numerosas e maior variabilidade entre os animais. Nesse cenário, preparar o leitão para a transição alimentar pode ser tão importante quanto fornecer nutrientes adicionais durante a lactação. "O maior valor do creep feeding pode estar em ensinar o leitão a comer antes que ele enfrente o maior desafio nutricional de sua vida", conclui Cantarelli. ■

Foto: divulgação

CONSAGRADO
NA EUROPA
E AGORA
DISPONÍVEL
NO BRASIL

Tulaject®

TULATROMICINA



ALIVIRA

Altamente eficaz contra doenças respiratórias dos suínos

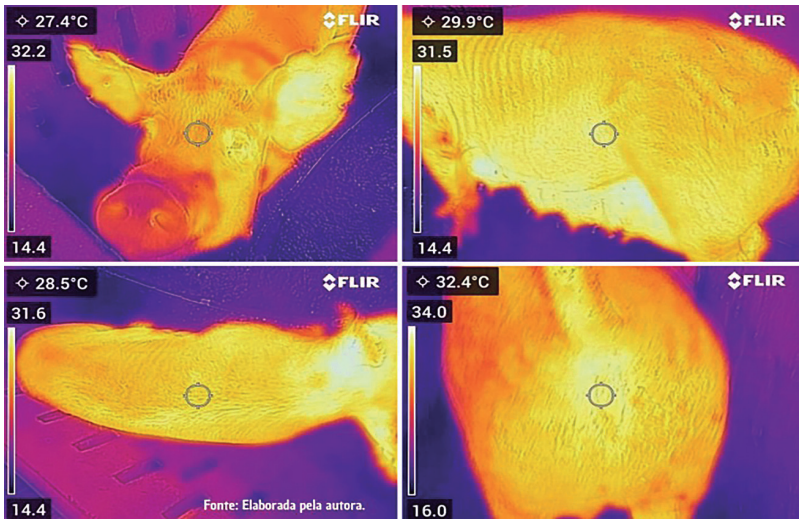
- Dose única
- Efeito prolongado
- Acúmulo rápido e extensivo no tecido pulmonar
- Ação imunomoduladora e melhor resolução da inflamação

BAIXE AGORA A CALCULADORA ALIVIRA

Baixar na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

alivira.com.br /alivirabrasil



TECNOLOGIAS ALIADAS À PRODUÇÃO DE SUÍNOS: TERMOGRAFIA

PROF. DR. LUAN SOUSA DOS SANTOS E EDUARDA BELLINI XAVIER

O Brasil é hoje o quarto maior produtor e terceiro maior exportador mundial de carne suína, em um setor altamente produtivo e tecnificado. Nesse cenário, falhas na fase reprodutiva podem impactar toda a cadeia produtiva, acarretando uma redução na produção de leitões desmamados e terminados e, consequentemente, menos abates. Entre os manejos reprodutivos, a detecção precisa do estro é determinante, pois reduz os retornos ao estro e os dias não produtivos das matrizes. No entanto, esse manejo ainda é um desafio, demandando tempo, treinamento e experiência do manejador nas granjas comerciais.

Durante o estro, as matrizes apresentam alterações comportamentais, como inquietação, tentativas de monta, redução do consumo de ração e vocalizações. Apresentam também sinais físicos, como inchaço (edema), vermelhidão (hiperemia) e secreção mucosa na vulva, decorrentes da ação do estrogênio. Entretanto, a intensidade desses sinais varia entre animais e conforme a ordem de parto, e sua identificação depende da atenção e da experiência do manejador. Por conta disso, a detecção baseada apenas na inspeção visual está sujeita a erros.

Abordagens alternativas para a detecção do estro, que não dependam apenas da inspeção visual, são de suma importância. As câmeras de termografia infravermelha, que avaliam a temperatura da superfície corporal sem contato com o animal, já são utilizadas na produção animal com diversos objetivos. Em fêmeas suínas, a termografia infravermelha tem sido aplicada para prever o estro e otimizar o momento da inseminação artificial. A inteligência artificial também tem sido estudada para prever o estro, usando ferramentas de aprendizado de máquina e aprendizado profundo. Por meio desses modelos, estudos científicos conseguiram prever o estro usando dados como tamanho da vulva da porca e mudanças posturais. Pesquisadores coreanos demonstraram que a aplicação simultânea de medição termográfica e sensores ultrassônicos, usados para quantificar o tempo que as porcas permanecem em pé, tende a melhorar o sucesso das intervenções de inseminação artificial. Combinados com dados de temperatura e de comportamento, esses algoritmos podem se tornar aliados na tomada de decisão em campo.

RESULTADOS DE UM ESTUDO BRASILEIRO.

Em um estudo piloto conduzido por pesquisadores da UFMS, UFRRJ e instituições parceiras, foram avaliados o comportamento e os sinais físicos de porcas no pré-estro e no estro, além de imagens de termografia infravermelha de diversas regiões corporais. A temperatura da região orbital diminuiu significativamente durante o estro. Essa região é considerada uma "janela térmica" por sua intensa vascularização e alta emissividade, o que a torna um ponto estável e responsivo para medições.

Nos modelos de aprendizado de máquina, o comportamento de agitação foi o fator de maior peso na predição do estro. A temperatura vulvar contribuiu para o modelo, mas teve a menor importância entre as variáveis. Combinando agitação e temperatura orbital, o algoritmo identificou o estro com 87% de acurácia.

Quanto aos sinais visuais, cerca de 70% das fêmeas apresentaram alterações físicas indicativas de estro. Já no teste de pressão lombar (contrapressão), usado como referência, todas as matrizes responderam positivamente, permanecendo imóveis e com as orelhas eretas.

A observação isolada de sinais físicos e comportamentais das fêmeas suínas para a detecção do estro mostrou-se menos confiável que o teste de pressão lombar. Já a combinação da temperatura orbital com o comportamento de agitação em modelos de aprendizado de máquina demonstrou potencial para tornar a detecção de estro mais precisa. Com a modernização da suinocultura e a crescente escassez de mão de obra, ferramentas acuradas e de fácil uso tendem a ganhar espaço, levando mais tecnologia para dentro das granjas. ■

Prof. Dr. Luan Sousa dos Santos, *FAMEZ/UFMS e* ***Eduarda Bellini Xavier,*** *PPG Ciência Animal, FAMEZ/UFMS*

Foto: divulgação

O QUE OS NÚMEROS DIZEM SOBRE A NOVA DIMENSÃO DA RECICLAGEM ANIMAL



POR PEDRO BITTAR

Há números que servem para medir um setor. Outros ajudam a entender como ele está mudando. Os dados reunidos no Anuário ABRA 2025 cumprem as duas funções e, vistos em conjunto, mostram uma reciclagem animal que já não pode ser analisada apenas pela eficiência de processamento. Segurança alimentar, economia circular, transição energética, comércio internacional e sustentabilidade passaram a fazer parte da mesma equação.

Em 2025, a indústria brasileira processou mais de 14 milhões de toneladas de subprodutos e transformou esse volume em 3,9 milhões de toneladas de farinhas e 2,2 milhões de toneladas de gorduras de origem animal. A escala chama atenção, mas o destino dessa produção diz ainda mais. A produção animal respondeu por 44% do consumo, seguida pelo pet food, com 16%, pelo biodiesel, com 14%, e pela indústria de saboaria, com 10%.

Essa distribuição mostra uma indústria inserida em mercados com lógicas muito diferentes. Proteína e energia, por exemplo, já convivem dentro da mesma estrutura produtiva. É um dado importante porque amplia a leitura sobre competitividade. Não basta produzir mais. É preciso acompanhar onde está a demanda, quais mercados estão ganhando espaço e como mudanças regulatórias, comerciais e tecnológicas alteram o valor e o destino desses ingredientes.

O comércio exterior confirma essa transformação. Foram 926 mil toneladas exportadas em 2025, com receitas superiores a US$ 770 milhões, o equivalente a cerca de 15% da produção nacional. No mesmo período, foram conquistados 11 novos Certificados Sanitários Internacionais para oito países.

Em 2015, o Brasil exportava pouco menos de 119 mil toneladas de farinhas e gorduras. Dez anos depois, esse volume chegou a 1 milhão toneladas. A mudança de escala é significativa e mostra quanto o mercado internacional passou a pesar na dinâmica do setor.

O que esses números mostram, portanto, é que a evolução da reciclagem animal já não pode ser medida apenas pelo volume que o setor é capaz de processar. A escala está dada. O próximo passo é transformar essa capacidade em mais valor, com mercados diversificados, maior presença internacional e produtos inseridos em cadeias cada vez mais estratégicas. É nesse movimento que estará boa parte da competitividade do setor nos próximos anos.

EM 2025, A INDÚSTRIA BRASILEIRA PROCESSOU
Mais de
14 milhões de toneladas
de subprodutos

TRANSFORMOU ESSE VOLUME EM
3,9 milhões de toneladas
de farinhas
2,2 milhões de toneladas
de gorduras de origem animal

A LEITURA CONTINUA. Dados anuais consolidados têm uma função diferente dos indicadores que acompanhamos mês a mês. Eles permitem enxergar estrutura, não apenas movimento. O Anuário ABRA 2025 reúne hoje a leitura mais completa disponível sobre a reciclagem animal brasileira e ajuda a colocar os números de 2026 em perspectiva.

Ao longo das próximas semanas, vamos aprofundar alguns desses recortes em uma série especial sobre o Anuário do setor. ■

Para quem quiser avançar nessa leitura e acompanhar as análises por tema, o conteúdo estará disponível pelo **QR Code**

Pedro Bittar é presidente do Conselho Diretivo da ABRA

Foto: divulgação



CARBONO NO SOLO PODE ABRIR NOVA FONTE DE RECEITA PARA A PECUÁRIA

COM MILHÕES DE HECTARES DE PASTAGENS DEGRADADAS, **BRASIL REÚNE CONDIÇÕES PARA AMPLIAR PROJETOS DE AGRICULTURA REGENERATIVA** E TRANSFORMAR GANHOS AMBIENTAIS EM REMUNERAÇÃO PARA O PRODUTOR

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A recuperação de pastagens pode ganhar um novo componente econômico no Brasil: a geração de créditos de carbono no solo. Em um país com uma das maiores áreas destinadas à atividade agropecuária, a adoção de práticas regenerativas pode não apenas elevar a produtividade das propriedades, mas também criar uma fonte adicional de receita para os produtores.

O potencial é expressivo. De acordo com dados da Embrapa, o Brasil possui cerca de 177 milhões de hectares de pastagens, dos quais aproximadamente 28 milhões de hectares — 15% do total — apresentam algum nível de degradação. A recuperação dessas áreas está entre as principais oportunidades para ampliar a adoção de sistemas produtivos mais resilientes e de menor intensidade de carbono.

Para Andrés Padilla, analista sênior de Bebidas, Laticínios, Papel e Celulose do Rabobank, a dimensão territorial e o espaço disponível para a adoção de práticas regenerativas colocam o Brasil em uma posição relevante no desenvolvimento desse mercado. "O Brasil tem potencial para se tornar um dos principais mercados de créditos de carbono no solo do mundo", afirma.

PASTAGEM RECUPERADA, SOLO VALORIZADO. Na pecuária, a agricultura regenerativa ganha relevância principalmente pela possibilidade de combinar recuperação de áreas degradadas com aumento da eficiência produtiva.

Práticas que contribuem para elevar a matéria orgânica do solo podem melhorar sua estrutura, aumentar a retenção de água e favorecer a produtividade das áreas utilizadas para produção animal. Em sistemas pecuários, isso pode significar melhores condições para a formação e manutenção de pastagens e maior eficiência no uso dos recursos disponíveis.

Além dos benefícios agronômicos, a recuperação do solo pode contribuir para a redução da exposição das propriedades aos impactos de eventos climáticos, uma preocupação crescente para produtores e para as cadeias de proteína animal.

O desafio, porém, está no investimento necessário para fazer essa transformação.

TRANSIÇÃO EXIGE CAPITAL. A adoção de sistemas regenerativos envolve custos iniciais, mudanças no manejo e um período de adaptação até que os resultados produtivos e ambientais sejam consolidados.

Por isso, a criação de mecanismos capazes de financiar essa transição ganha importância. Entre as alternativas estão os prêmios pagos por cadeias de suprimento sustentáveis, linhas de crédito com condições diferenciadas e pagamentos por serviços ambientais, incluindo os créditos de carbono.

Nesse modelo, o produtor pode ser remunerado não apenas pelo alimento produzido, mas também por determinados benefícios ambientais gerados na propriedade.

Para a pecuária, isso cria uma possibilidade de aproximar duas agendas que tradicionalmente caminham separadas: aumentar a produtividade da terra e remunerar a melhoria ambiental do sistema produtivo.

NÚMEROS

177 milhões de hectares
de pastagens existem no Brasil, segundo dados da Embrapa

28 milhões de hectares
apresentam algum nível de degradação e poderiam ser alvo de recuperação

15%
é a parcela aproximada das pastagens brasileiras com algum grau de degradação

CARBONO PRECISA SER MEDIDO. A expansão do mercado depende, entretanto, da capacidade de comprovar o carbono efetivamente armazenado no solo.

Diversos padrões internacionais de carbono já possuem metodologias para quantificar e monitorar alterações nos estoques de carbono associadas à adoção de determinadas práticas agrícolas e pecuárias. O processo envolve medição, acompanhamento e verificação dos resultados.

No Brasil, esse mercado ainda está em desenvolvimento, mas os primeiros projetos de carbono no solo já avançam pelas etapas de validação, monitoramento e emissão de créditos.

A estruturação desses projetos será determinante para transformar o potencial brasileiro em um mercado de maior escala.

O PRÓXIMO PASSO É GANHAR ESCALA. O avanço do carbono no solo dependerá de uma equação que envolve produtores, empresas, investidores e compradores de créditos.

De um lado, será necessário ampliar a oferta de projetos e aumentar a participação dos produtores. De outro, será preciso desenvolver uma demanda consistente pelos créditos gerados, capaz de proporcionar previsibilidade de receita e contribuir para financiar a adoção das práticas regenerativas.

A segurança regulatória também terá papel central. Investimentos de longo prazo dependem de regras claras sobre geração, certificação e comercialização dos créditos.

Ao mesmo tempo, a expansão do mercado terá de preservar a integridade ambiental dos projetos. A credibilidade dos créditos depende da capacidade de demonstrar, com metodologia e monitoramento adequados, que os benefícios climáticos anunciados são efetivamente alcançados.

UMA NOVA DIMENSÃO PARA A PROTEÍNA ANIMAL. Para a cadeia de proteína animal, o desenvolvimento do carbono no solo pode ampliar a discussão sobre o valor econômico da recuperação de pastagens.

A lógica é transformar uma necessidade produtiva — recuperar solos e melhorar a eficiência das áreas de produção — em uma oportunidade que também incorpore a remuneração por benefícios ambientais.

O potencial é grande, mas sua concretização dependerá da evolução simultânea de tecnologia, financiamento, adesão dos produtores, demanda por créditos e segurança regulatória.

Na avaliação de Padilla, esses elementos serão fundamentais para que o mercado avance sem comprometer a integridade ambiental que sustenta a credibilidade dos créditos de carbono no longo prazo. "O desenvolvimento de projetos, a adoção por parte dos produtores, a expansão da demanda e a segurança regulatória serão fundamentais para que essa oportunidade alcance seu potencial", pontua.

Para a pecuária brasileira, portanto, o carbono no solo pode representar mais do que uma nova frente ambiental. À medida que os projetos ganhem escala e os mecanismos de remuneração amadureçam, a recuperação de pastagens poderá passar a integrar também uma estratégia de financiamento, produtividade e geração de valor dentro da propriedade rural. ■

Foto: banco de imagens F&F



AS INOVAÇÕES CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS PARA ILUMINAR O APAGÃO DE BEZERROS NA PRÓXIMA DÉCADA NA PECUÁRIA BRASILEIRA

PROF. JÚLIO BARCELLOS E EDUARDA RECH

O cenário internacional demonstra de forma consistente o aumento da demanda por carne bovina, especialmente na Ásia, no Oriente Médio e na África, para a próxima década. Por outro lado, por questões climáticas, econômicas, sanitárias e políticas, os rebanhos bovinos, nos principais países produtores, diminuíram ou estão estagnados, não apontando possibilidades de recuperação de estoque em um ciclo inferior a cinco anos. Um exemplo dentro da porteira, devido às questões acima mencionadas, foi a redução do efetivo de matrizes, base da cria, que se expressou em um elevado abate de fêmeas nos últimos anos. Portanto, o ciclo pecuário de baixa inverteu-se e os preços elevaram-se.

Frente ao cenário de bons preços, uma das primeiras atitudes do pecuarista é reter matrizes, com o objetivo de, em um ciclo de 1.000 dias, disponibilizar maior quantidade de bois para o abate. No entanto, essa atitude não vem acontecendo no Brasil e em outros países produtores de carne bovina. Assim, a alta de preços pagos pelos bezerros está em valores recordes nos Estados Unidos da América, no Mercosul e na Austrália. Portanto, continua o destino para o abate de um universo de fêmeas, em especial fêmeas jovens, em pleno potencial reprodutivo, seja pela intensificação da engorda, pois é uma categoria eficiente, seja decorrente de um ato de gestão, geralmente subordinado à pecuária mais empresarial, que é a re-



alização de receita quando o gado está valendo muito, não existindo a preocupação com a manutenção de estoque. Assim, a conclusão e as projeções para equilibrar a oferta diante da demanda não indicam que isso poderá ocorrer biologicamente pelo ciclo do gado. Em consequência, teremos um apagão, quase uma escuridão, na oferta de bezerros, o que dificultará a reposição, mas, por outro lado, valorizará a fábrica – a etapa de cria. Esta fundamenta-se na operação matemática – a multiplicação – que resulta nas taxas de nascimento e na eficiência da cria. Não devemos nos esquecer do outro caminho para aumentar a produção de carne, que é decorrente da segunda operação matemática na pecuária – a adição –, representada pelo aumento do peso do animal, o conhecido ganho médio diário (GMD), cujos limites ainda estão distantes de serem atingidos na bovinocultura de corte brasileira.

O preço atraente do bezerro desencadeará um conjunto de atitudes do pecuarista para aproveitar de forma sustentável esse cenário, transformando a cria em uma atividade econômica mais equilibrada e com o estabelecimento de sobrepreços do bezerro em relação ao boi gordo em algo não circunstancial ou conjuntural. Contudo, pela natureza de uma demanda constante e crescente de animais para abate, estima-se que haverá – e naturalmente será aceito pelos elos subsequentes da cadeia – um ágio normal na hora de comprar o bezerro. O exemplo disso é a relação boi gordo/bezerro nos EUA, cuja variação é mínima nos ciclos pecuários, pois é entendido que a base, dentro da porteira, está na cria.

A partir dessa realidade e das perspectivas, é importante vislumbrar as oportunidades para o setor de cria, investir no seu fator de multiplicação para ofertar mais bezerros no futuro, lembrando que a decisão de hoje se traduzirá em um novo bezerro no mercado somente após 450 dias. Destaco aqui que não existem riscos de a oferta ser superada e derrubar preços, pois a estrutura do rebanho e as mudanças conjunturais que estão ocorrendo na pecuária não permitirão fisicamente esse efeito. Assim, a janela é para as inovações científicas e suas aplicações, traduzidas por tecnologias para a cria, sendo estas abarcadas por dois grandes objetivos: aumentar a taxa de desmama e aumentar o peso à desmama; portanto, uma colheita mais robusta e valorizada para o pecuarista, aqui denominada como a ▶

Foto: banco de imagens F&F



"iluminação" do apagão, com resultados financeiros estáveis e positivos.

No campo das inovações, o controle do ciclo estral da vaca, pelos avanços do uso do ultrassom com a chegada do Doppler e o desenvolvimento de protocolos endócrinos exógenos, tem possibilitado um aumento considerável nas taxas de prenhez, em especial nos rebanhos zebuínos, base da pecuária tropical. Esses avanços estão sendo traduzidos por menores custos, protocolos mais práticos em termos operacionais para a equipe de vaqueiros e, talvez o mais importante, por atuarem sobre matrizes que estão em escores de condição corporal numa linha limítrofe entre ter ou não atividade ovariana e nova prenhez. Em outras palavras, os avanços dos protocolos voltados para a Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IA-TF) estão trazendo para o "jogo" reprodutivo vacas que permaneceriam em anestro pós-parto por um período mais longo. Portanto, são avanços que produzem um uso mais racional da alimentação, pois a vaca é biologicamente pouco eficiente em converter "energia", representada pela alimentação, em bezerro, o que, na maioria das vezes, conduz o pecuarista a mantê-la em situações que beiram o abismo por questões bioeconômicas. Assim, as intervenções tecnológicas têm produzido resultados significativos, recuperando essas vacas que se aproximaram nutricionalmente do precipício. Adicione-se a isto o fato de que os diagnósticos de gestação mais precoces têm possibilitado a antecipação de decisões reprodutivas, genéticas e comerciais, e ainda apontado com antecedência as eventuais perdas gestacionais. Como consequência, a indústria de saúde animal vem inovando rapidamente os protocolos sanitários para prevenir as perdas reprodutivas por meio de vacinas mais eficientes e sustentáveis. Complementarmente, os estudos no campo da andrologia têm identificado touros cujos marcadores genéticos apontam para maior adaptação, fertilidade e capacidade fecundante nesses sistemas reprodutivos mais desafiadores. A indução da puberdade também aponta perspectivas promissoras na antecipação do primeiro acasalamento nos biotipos zebuínos, o que traria para o jogo, no mínimo um ano antes, milhares de novilhas para a produção de bezerros. Portanto, a pecuária do Centro-Norte brasileiro, representada por milhões de vacas, está à espera dessas tecnologias para uso mais massivo, de profissionais capacitados, de melhorias na infraestrutura e de uma colheita mais eficiente de bezerros.

A INDUÇÃO DA PUBERDADE TAMBÉM APONTA PERSPECTIVAS PROMISSORAS NA ANTECIPAÇÃO DO PRIMEIRO ACASALAMENTO NOS BIOTIPOS ZEBUÍNOS, O QUE TRARIA PARA O JOGO, NO MÍNIMO UM ANO ANTES, MILHARES DE NOVILHAS PARA A PRODUÇÃO DE BEZERROS

A colheita mais robusta ocorre a partir do plantio – a estação reprodutiva –, mas é necessário que o novo bezerro, que ainda não nasceu, tenha um ambiente uterino gerido por meio da programação fetal como um fator de propulsão para a vida pós-natal. Aqui também os avanços já apontam para as intervenções técnicas e os cuidados adicionais em cada fase da gestação como o alicerce para a futura novilha ou animal para o abate. Após o período de nascimentos, colhido o bezerro, é estratégico entrar no jogo a operação matemática de adição, representada pelo aumento diário de peso; e aqui entra a alimentação descompartilhada, exclusiva para o bezerro, pois ele deixa de competir com a sua mãe e passa a ter um cuidado alimentar privado. Ingredientes, aditivos, protocolos de saúde e técnicas mais amigáveis de manejo e de desmama vão concluir com sucesso os dois grandes objetivos definidos para a cria. Portanto, as luzes do conhecimento e da tecnologia agora estarão ancoradas em resultados econômicos favoráveis e sustentáveis, criando uma perspectiva e posicionamento para a cria e para a pecuária de corte do país. ■

Prof. Júlio Barcellos,
Médico Veterinário, Ph.D., Professor Titular do Departamento de Zootecnia, NESPRO/UFRGS; INCT-Bovinos de Corte – CNPq.
Eduarda Rech, *Acad. de Veterinária da UFRGS, PROBIC/FAPERGS, NESPRO/UFRGS*

Foto: banco de imagens F&F

Conte com o pró de levar seus resultados para outro nível.

PROBEEF®

Na pecuária, produtividade
é consequência de boas decisões.
E uma delas é contar com um
portfólio completo de soluções
nutricionais que ajuda você
a produzir mais, aproveitar melhor
cada investimento e extrair
o máximo potencial do rebanho.

Resultado que aparece na balança.
E no bolso.



Cargill | Animal Nutrition & Health

O PESO DA CONFIANÇA.



FLORAFARM BOVINOS APOSTA NA SAÚDE DIGESTIVA PARA AMPLIAR A EFICIÊNCIA PRODUTIVA

SUPLEMENTO COMBINA **PREBIÓTICOS, PROBIÓTICOS, LEVEDURAS VIVAS, VITAMINAS E MICROMINERAIS** PARA AUXILIAR NA ADAPTAÇÃO DOS BOVINOS A DESAFIOS NUTRICIONAIS E AMBIENTAIS

GIOVANA DE PAULA
giovana@dc7comunica.com.br

A busca por maior eficiência alimentar e estabilidade produtiva tem ampliado o interesse por soluções nutricionais voltadas à saúde digestiva dos bovinos. Nesse cenário, o FLORAFarm Bovinos aposta em uma formulação multifatorial para favorecer o equilíbrio da microbiota gastrointestinal e apoiar o funcionamento do rúmen, contribuindo para o aproveitamento dos nutrientes e a manutenção do desempenho animal.

Disponível na forma de suplemento em pasta, o produto combina prebióticos, probióticos, leveduras vivas, vitaminas e microminerais. A formulação inclui microrganismos dos gêneros Lactobacillus, Bacillus, Enterococcus e Bifidobacterium, além de bactérias associadas à fermentação ruminal, como Ruminobacter amylophilum, Ruminobacter succinogenes e Succinovibrio dextrinosolvens. Também contém Saccharomyces cerevisiae e mananoligossacarídeos (MOS).

A proposta, segundo Mariana Diniz, especialista em Marketing da BIOFARM é auxiliar os animais a enfrentar situações que podem comprometer o consumo de alimentos e a digestão, como desmama, transporte, mudanças na dieta, entrada em confinamento e estresse térmico. "Na pecuária leiteira, o produto também pode integrar estratégias nutricionais em períodos de maior exigência fisiológica, como a transição ao redor do parto", explica.

SUPORTE À FERMENTAÇÃO RUMINAL. A microbiota do rúmen desempenha papel essencial na degradação dos alimentos e na produção de ácidos graxos voláteis, importantes fontes de energia para os bovinos. Ao apoiar o equilíbrio microbiano e os processos fermentativos, o FLORAFarm Bovinos busca favorecer o aproveitamento dos nutrientes e a adaptação alimentar em períodos críticos.

De acordo com Mariana, na produção de carne, os benefícios potenciais estão relacionados à eficiência alimentar e à manutenção do ganho de peso. Na atividade leiteira, a proposta é contribuir para a estabilidade digestiva e produtiva. "Os resultados, porém, dependem de fatores como dieta, manejo, sanidade, ambiente e categoria animal", pontua.

Um dos diferenciais do produto, segundo ela é a associação de diferentes componentes em uma única formulação, com microrganismos voltados tanto ao suporte da microbiota gastrointestinal quanto aos processos digestivos dos ruminantes.

APLICAÇÃO E PERSPECTIVAS. O FLORAFarm Bovinos pode ser incorporado a programas nutricionais de diferentes sistemas de produção, com planejamento e orientação de médicos-veterinários e zootecnistas. Sua utilização deve estar associada a práticas adequadas de alimentação, manejo e sanidade.

Entre as perspectivas de desenvolvimento estão pesquisas de campo em confinamentos, sistemas leiteiros intensivos e programas de recria e terminação. A ampliação dos estudos poderá contribuir para caracterizar melhor as respostas do produto em diferentes categorias e condições de produção. "Em um setor cada vez mais orientado à produtividade e ao uso eficiente dos recursos, soluções voltadas à saúde digestiva representam uma alternativa complementar para apoiar o desempenho dos bovinos, desde que sua aplicação seja adequada às necessidades de cada sistema produtivo", afirma Mariana Diniz. ■

Fotos: divulgação e banco de imagens F&F

ABBEA E SINDAN FORTALECEM CAPACITAÇÃO EM BEM-ESTAR ANIMAL

PARCERIA AMPLIA OPORTUNIDADES DE TREINAMENTO PARA PROFISSIONAIS DO SETOR E PERMITE DESENVOLVER **CONTEÚDOS PERSONALIZADOS** DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DE CADA EMPRESA

POR THOMAS TIMM E PAULO MAIORKA

O bem-estar animal vem ganhando cada vez mais espaço nas estratégias e rotinas das empresas que atuam no setor de saúde e produção animal. Para contribuir com esse movimento, a Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (ABBEA) e o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN) estabeleceram uma parceria voltada à oferta de cursos de capacitação em bem-estar animal para empresas e seus colaboradores.

A iniciativa aproxima conhecimento científico e aplicação prática, proporcionando aos profissionais uma formação que considere os desafios encontrados no ambiente de trabalho e as características de cada atividade.

Os treinamentos desenvolvidos pela ABBEA podem contemplar diferentes aspectos do bem-estar animal, como comportamento e necessidades dos animais, identificação de sinais de dor e estresse, indicadores de bem-estar, boas práticas de manejo, condução e contenção, segurança dos profissionais, enriquecimento ambiental e cuidados nas diferentes etapas da rotina.

A formação também pode incorporar conteúdos relacionados às normas e legislações aplicáveis. Em capacitações direcionadas à pesquisa e experimentação animal, por exemplo, podem ser trabalhados aspectos científicos, éticos e regulatórios, além de atividades práticas de manejo.

Um dos diferenciais da parceria é a possibilidade de personalização. A ABBEA não trabalha com uma grade curricular única e fechada: os conteúdos podem ser ajustados de acordo com o perfil da empresa, seus objetivos, público participante e realidade operacional. Assim, o treinamento pode atender desde equipes técnicas e médicos-veterinários até profissionais diretamente envolvidos no manejo dos animais.

A capacitação pode combinar momentos teóricos e práticos, favorecendo a aplicação dos conhecimentos no cotidiano profissional. O formato, a carga horária e o aprofundamento dos conteúdos podem ser definidos conforme as demandas da empresa.

Outro aspecto importante é a formalização da capacitação. De acordo com a proposta e as características do treinamento, os certificados podem contemplar informações como carga horária, conteúdo programático e qualificação dos instrutores, contribuindo para o registro e a rastreabilidade da formação dos profissionais.

Com a parceria, ABBEA e SINDAN reforçam a importância da capacitação contínua para o avanço das práticas de bem-estar animal no setor, oferecendo treinamentos alinhados à realidade e às necessidades de cada empresa. ■

Thomas Timm, *presidente - Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (ABBEA)*
Paulo Maiorka, *vice-presidente - Associação Brasileira de Bem-Estar Animal (ABBEA)*



Foto: banco de imagens F&F

Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável



DA AMBIÇÃO CLIMÁTICA À PRÁTICA: OS CAMINHOS PARA UMA PECUÁRIA DE BAIXA EMISSÃO

ANA DORALINA MENEZES

A COP31 coloca novamente em evidência um dos principais desafios da agenda climática: transformar compromissos em resultados concretos. Segurança alimentar, financiamento climático e implementação de soluções estão entre os temas em discussão, reforçando a importância de conciliar produção de alimentos e redução de emissões.

Para a pecuária brasileira, essa discussão representa uma oportunidade de ampliar a adoção de práticas sustentáveis, conciliando eficiência produtiva, rentabilidade e contribuição para a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. A agropecuária nacional apresenta um dos maiores potenciais de mitigação de gases de efeito estufa, com tecnologias e práticas já conhecidas e adaptadas às condições tropicais.

Na pecuária, a recuperação de pastagens degradadas, o manejo adequado do solo, os sistemas integrados e o aumento da eficiência produtiva estão entre os caminhos para reduzir a intensidade das emissões e ampliar a produtividade sem necessidade de abertura de novas áreas. Estudos da Embrapa e da Rede ILPF apontam que propriedades que adotam sistemas integrados, recuperação de pastagens e manejo nutricional eficiente já alcançaram reduções de até 30% nas emissões de gases de efeito estufa.

Esses resultados demonstram que as práticas sustentáveis já apresentam benefícios concretos para a produção e o meio ambiente. O desafio agora é ampliar esses avanços, considerando as diferentes realidades dos produtores e criando condições para que mais propriedades tenham acesso à assistência técnica, informação, recursos financeiros e segurança para investir.

O reconhecimento dos resultados precisa ganhar mais espaço nessa discussão. Afinal, a transição para uma pecuária de baixa emissão não envolve apenas implementar boas práticas, mas também medir seus impactos, comprovar avanços e estabelecer mecanismos que possam conectar o desempenho sustentável a benefícios econômicos e oportunidades de mercado.

Nesse contexto, incentivos financeiros, programas de valorização da produção e instrumentos de monitoramento podem contribuir para tornar a transformação mais atrativa e viável, desde que sejam acessíveis e adequados às condições de cada sistema produtivo.

A contribuição da pecuária brasileira para a agenda climática passa necessariamente pela valorização de quem produz. Para isso, precisamos transformar o conhecimento e as tecnologias disponíveis em oportunidades concretas, respeitando a diversidade dos sistemas produtivos brasileiros.

Esse desafio exige uma atuação conjunta entre os diferentes elos da cadeia e o poder público. Mais do que estabelecer compromissos climáticos, é preciso viabilizar sua implementação e transformar o potencial da pecuária brasileira em resultados ambientais e econômicos. ■



Ana Doralina Menezes, presidente da Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável

Fotos: divulgação e banco de imagens F&F



IPPE®
INTERNATIONAL
PRODUCTION & PROCESSING EXPO

VEA HOY LA FUTURA INDUSTRIA AVÍCOLA Y PRODUCCIÓN DE HUEVOS

Descubra sistemas de alojamiento más inteligentes, genética avanzada, automatización e innovaciones en cuanto a salud aviar, diseñadas para impulsar su negocio. IPPE es el lugar donde eclosionan las ideas, crecen las relaciones y cobra vida el futuro de la producción avícola y de huevos.

DEL 26 AL 28 DE ENERO DE 2027 | ATLANTA, GEORGIA EUA

INSCRÍBASE HOY EN AT IPPEXPO.ORG



SBSBL APONTA CAMINHOS PARA ELEVAR A EFICIÊNCIA E A RENTABILIDADE DO LEITE

COM PÚBLICO RECORDE EM CHAPECÓ, ENCONTRO REUNIU EVIDÊNCIAS SOBRE INTEGRAÇÃO PRODUTIVA, SANIDADE, QUALIDADE DO LEITE E NUTRIÇÃO ADAPTADA À REALIDADE BRASILEIRA

KEVIN NASCIMENTO
kevin@dc7comunica.com.br

Produzir mais leite não significa, necessariamente, ampliar o resultado econômico da fazenda. Essa foi uma das mensagens que atravessaram o 15º Simpósio Brasil Sul de Bovinocultura de Leite (SBSBL), realizado de 6 a 8 de outubro, em Chapecó (SC). Com mais de 1.600 participantes recorde de público, o evento promovido pelo Núcleo Oeste de Médicos Veterinários e Zootecnistas (Nucleovet) reuniu 15 palestras, quatro painéis técnicos e 92 trabalhos científicos aprovados, além do 5º Fórum Brasil Sul de Bovinocultura de Corte e da 10ª Milk Fair.

Ao longo dos três dias, pesquisadores e profissionais relacionaram eficiência à capacidade de integrar decisões sobre alimento, sanidade, reprodução, equipamentos e gestão. O desafio, comum a propriedades de diferentes portes, é transformar avanços tecnológicos em produtividade sustentável e margem financeira, sem desconsiderar as particularidades de cada sistema.

INTEGRAÇÃO E MANEJO COMEÇAM NO CAMPO. Na abertura, Sebastião Brasil Campos Lustosa apresentou a integração lavoura-pecuária como forma de aproveitar melhor a mesma área e distribuir atividades durante o ano. O conceito de produzir "uma safra de milho, uma safra de boi e uma safra de soja" ilustrou como agricultura e pecuária podem funcionar de maneira complementar. Já Guilherme Cunha Malafaia, da Embrapa Gado de Corte, destacou ganhos de eficiência da pecuária brasileira: segundo dados apresentados, a área de pastagens diminuiu cerca de 11% em duas décadas, enquanto a produtividade quase dobrou.

A aproximação entre leite e corte também apareceu na exposição de Luc Delaby, pesquisador do instituto francês INRAE. Ele apresentou o uso de sêmen sexado na reposição do rebanho leiteiro, combinado à genética de corte em outros acasalamentos. Na experiência relatada, animais cruzados de Angus com ma-

trizes leiteiras chegaram próximos de 600 quilos ao abate, sinalizando alternativas de valorização dos animais nascidos em fazendas de leite.

Nos sistemas a pasto, o desafio é equilibrar utilização da forragem e desempenho animal. Greiciele de Morais diferenciou os cuidados da silagem de capim: no corte direto, o excesso de umidade pode comprometer a fermentação; no pré-secado, é necessário controlar a deterioração do material. Gabriel Menegazzi, da Universidad de la República, no Uruguai, relacionou altura e manejo das pastagens a custos, produtividade e impactos ambientais. "O pastejo é comumente subestimado, mas está diretamente ligado ao resultado econômico e à resiliência do sistema", afirmou. Delaby também mostrou, com dados de um experimento do INRAE envolvendo cerca de 150 vacas, que o efeito da suplementação concentrada varia conforme a fase da lactação.

SANIDADE, ORDENHA E REPRODUÇÃO ENTRAM NA CONTA. A prevenção de doenças ocupou o segundo dia. Elias Jorge Facury Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), defendeu estratégias de controle da leucose enzoótica bovina baseadas na prevalência por categoria animal. Ao citar uma fazenda com cerca de 80% das matrizes infectadas, observou que o descarte imediato de todas as vacas positivas pode ser inviável; proteger as fêmeas negativas e organizar a reposição gradual torna-se alternativa. "Então, a estratégia deve ser tomada em cima do exame sorológico, que vai me falar da frequência da doença por categoria", explicou à Feed&Food.

Alexandre Henrily de Souza ressaltou que a tripanossomose exige diagnóstico diferencial e práticas de biossegurança, já que sinais como anemia, abortos e queda produtiva não são exclusivos da enfermidade. Rodolfo Mingoti, da MSD Saúde Animal, conectou a prevenção de doenças no pós-parto ao desempenho reprodutivo e à redução de perdas gestacionais. A mensagem comum foi que protocolos e tecnologias não substituem a identificação precoce dos problemas sanitários.

Na qualidade do leite, o médico-veterinário Luis Pinho destacou o acompanhamento da contagem de células somáticas (CCS), sem tratar isoladamente a referência de 200 mil células/mL como diagnóstico definitivo de mastite. A prevenção depende de rotina de ordenha, alojamento, equipamento e saúde do animal. "O ideal é falarmos na prevenção e aí é que está o êxito e o maior ganho econômico", afirmou em entrevista à Feed&Food.



Francisco Palma Rennó destacou a qualidade da fibra e a importância de dados brasileiros para formular dietas com maior eficiência técnica e econômica

Gian Nascimento, da DeLaval, apresentou um caso em que ajustes nos equipamentos e no manejo aumentaram a capacidade de aproximadamente 160 para 210 vacas ordenhadas por hora, elevando o volume diário atendido pela estrutura de cerca de 1.100 para 1.400 animais. Ressaltou, porém, que a velocidade não pode comprometer a saúde dos tetos. O resultado precisa ser acompanhado por indicadores de mastite, lesões e conforto animal. Na gestão dos sistemas confinados, Jorge Henrique Carneiro acrescentou longevidade das vacas, qualidade da recria, reprodução, infraestrutura e estabilidade das equipes à avaliação econômica, alertando que produzir mais volume nem sempre equivale a lucrar mais.

NUTRIÇÃO DE PRECISÃO E RETORNO ECONÔMICO. A programação final mostrou que decisões nutricionais exigem evidência científica e análise de custos. Bruno Ieda Cappellozza explicou que os efeitos de probióticos dependem das cepas utilizadas e da manutenção de sua viabilidade do armazenamento até o fornecimento. Jonas de Souza abordou as diferentes respostas aos ácidos graxos, destacando que fontes de gordura devem ser escolhidas considerando a dieta, o metabolismo e a valorização dos sólidos do leite. "Focar em sólidos é o que vai nos tornar competitivos no mercado externo também", avaliou.

Francisco Palma Rennó, professor da Universidade de São Paulo (USP), apontou a qualidade das fibras como eixo de formulações mais eficientes. Segundo ele, a alimentação representa aproximadamente 50% a 60% dos custos de produção em muitos sistemas leiteiros, o que exige rever dietas conforme os preços dos ingredientes. "Na realidade, o que é bastante relevante é melhorar a qualidade da fibra", destacou à Feed&Food.

O pesquisador apresentou estudos brasileiros em que as respostas ao teor de amido foram de duas a duas vezes e meia superiores às referências norte-americanas consideradas na comparação. Os resultados, ainda ligados a condições experimentais específicas e parcialmente não publicados, não devem ser generalizados. Para Rennó, modelos nutricionais só entregam boas previsões quando alimentados com dados confiáveis sobre a composição e a digestibilidade das forragens locais. A escolha do volumoso, portanto, deve considerar custo por matéria seca e nutrientes efetivamente aproveitados, não apenas preço por tonelada. ■

Fotos: divulgação



A COMPETITIVIDADE DA TILÁPIA BRASILEIRA DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO

POR PEIXE BR

A recuperação das exportações e o fortalecimento da competitividade seguem entre os principais desafios da piscicultura brasileira. Mesmo com sinais de retomada dos embarques de tilápia para os Estados Unidos, o setor ainda enfrenta os efeitos das mudanças tarifárias, a concorrência internacional e a pressão sobre os custos de produção. O cenário exige estratégias comerciais e produtivas para ampliar a presença do pescado nacional nos mercados interno e externo.

Em setembro, as exportações brasileiras de tilápia somaram 594 toneladas, alta de 7% em relação a agosto, quando foram embarcadas 553 toneladas. Em valor, entretanto, houve leve recuo, de US$ 3,45 milhões para US$ 3,40 milhões, segundo dados da Embrapa. O resultado sinaliza uma recuperação ainda gradual, distante dos volumes registrados no primeiro semestre.

Nos Estados Unidos, a redução das tarifas aplicadas aos produtos brasileiros representa um avanço, mas não elimina os desafios para reconquistar o espaço perdido. O Brasil atua principalmente no segmento de filé de tilápia fresco, de maior valor agregado, e precisa restabelecer relações comerciais e recuperar compradores. A ampliação da oferta de filés congelados também surge como alternativa para alcançar outros segmentos do mercado americano.

No mercado interno, a rentabilidade dos produtores e das indústrias continua pressionada. Levantamento do Cepea/Esalq-USP apontou relativa estabilidade nos preços pagos aos piscicultores em setembro, com quedas em algumas regiões. Ao mesmo tempo, a valorização do milho e do farelo de soja, insumos fundamentais para a ração, reduziu pelo terceiro mês consecutivo o poder de compra do produtor em relação à ração com 32% de proteína. Na indústria, a demanda retraída por filé congelado e a dificuldade de repassar reajustes também limitam as margens.

Outro fator que exige atenção é o crescimento das importações de tilápia do Vietnã. Em setembro, os volumes chegaram a aproximadamente 1.324 toneladas, aumento de 11% na comparação mensal. O avanço amplia a concorrência no mercado brasileiro e reforça a importância de acompanhar as condições comerciais e regulatórias que afetam o setor.

O momento exige atenção às condições de mercado e medidas que fortaleçam a produção nacional. Diante desse cenário, a PEIXE BR segue acompanhando as questões comerciais e regulatórias relacionadas às importações e buscando alternativas para ampliar a competitividade da tilápia brasileira. ■

Foto: banco de imagens F&F

3ª Edição

grapas grain & rice LATAM 2027

EM PARALELO COM VICTAM LatAm 2027 | FEED FORMULATION LATIN AMERICA 2027



2 EVENTOS SIMULTÂNEOS

14-16 | SETEMBRO 2027 | EXPO CENTER NORTE SÃO PAULO, BRASIL

EVENTO EXCLUSIVO DE EQUIPAMENTOS PARA PROCESSAMENTO DE GRÃOS PARA FÁBRICAS DE RAÇÃO

Principal ponto de encontro da **indústria de grãos**, reunindo as mais recentes inovações, tecnologias e soluções voltadas para toda a cadeia produtiva. Desde o **trigo, arroz, soja e milho** que saem das fazendas até os produtos finais que chegam ao consumidor.

PERFIL DO EXPOSITOR

- **FABRICANTES E FORNECEDORES DE EQUIPAMENTOS DE MOAGEM**
- **ARMAZENAGEM E TRANSPORTE**
- **SISTEMAS DE RESFRIAMENTO E SEGURANÇA INDUSTRIAL**
- **EMBALAGEM E MANUSEIO DE PRODUTOS**

PERFIL DO VISITANTE

- **Indústrias de moagem**
- **Laboratórios**
- **Operadores logísticos**
- **Portuários**
- **Centros de pesquisa em qualidade de grãos**
- **Empresas de armazenagem e distribuição**

SEJA EXPOSITOR!
RESERVE JÁ O SEU STAND

+55 11 **93536-7785**
victamlatam@interlinkexhibitions.com
grapaslatam.com

UMA ANÁLISE DA HARMONIA AMBIENTAL DO CULTIVO DO CAMARÃO (*PENAEUS VANNAMEI*) E, DA SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIOECONOMIA PRIMÁRIA DA REGIÃO NORDESTE

ITAMAR ROCHA

O camarão marinho (*Penaeus vannamei*) está se desenvolvendo no Nordeste do Brasil, em harmonia com o meio ambiente equilibrado, adjacente às suas explorações, inclusive, sem obras públicas estruturadoras, está estabelecendo uma "Nova Ordem Econômica e Social", com o fortalecimento de suas "Sócio Economias Primárias e, já está contribuindo para a "Reverão do Êxodo Rural", no desafiante "Semiárido", uma verdadeira quimera!).

Na verdade, a Carcinicultura do Nordeste (99,8%) Brasileiro, graças a elaboração, edição e disseminação pela ABCC, de **Códigos de Condutas** (Larvicultura, Fazendas de Engorda, Fábricas de Rações e Unidades de Beneficiamento), de **Manuais de Boas Práticas de Manejo (BPM) e de Medidas de Biossegurança**, sequencia-



dos por **Cursos de Capacitação para Micros, Pequenos, Médios e Grandes Produtores, bem como, Técnicos de Nível Superior, Médio e Operadores de Campo**, mesmo sem contar com apoios financeiros de Bancos Oficiais (investimentos e custeios operacionais) e, sem obras públicas estruturadores (Federal e Estaduais), vem contribuindo para o estabelecimento da mais importante atividade primária do meio rural, do **"litoral e semiárido nordestino"**, pois além de não depender de chuvas, utilisa águas de usos insignificantes, não tem ciclos de produção definidos, utiliza farelo de soja como principal componente alimentar e tem um mercado nacional (Brasil) e internacional (China, EUA, Europa, Japão, Coreia do Sul, etc.) ávidos por seus camarões.

Nesse sentido, vale a pena destacar que ano de 2003, o camarão cultivado do Brasil ocupou a liderança mundial de produtividade (6.083 kg/há/ano), cuja produção (90.190 t) e exportações (58.455 t), ocuparam o 1º lugar da produção de camarão cultivado das Américas, inclusive, superando as do Equador (78.000 t / 58.011 t), com destaque para o fato de que 78% de toda sua produção, se destinou ao mercado internacional.

Mas a partir de 2010, a despeito de ter se destacado em **"1º lugar das importações de camarão pequeno e médio dos EUA (2003)"**, bem como, "1º lugar das importações de camarão tropical da União Europeia (2004)", assistiu suas exportações decrescerem para 0,0 (zero): (2012, 2017, 2018, 2019, 2023, 2024 e 2025). Mesmo assim, o setor, retomou de forma expressiva e continuada, um crescimento sustentável, que em 09 (nove) anos (2017-2025), correspondeu a (275%), mesmo com suas produções, sendo 100% destinadas ao Mercado Interno.

Nesse contexto, se destaca, com base em evidencias científicas, que o cultivo do camarão marinho, Penaeus vannamei, originário do Oceano Pacífico, encontrou condições ideais para o seu desenvolvimento nos estuários da Região Nordeste, sem nenhuma relação com a redução de suas florestas de manguezais, como aliais mostra o **"Estudo da Evolução das Áreas de Mangues em 5 Estados da Região Nordeste, de 1978-2004"**, realizado pelo **Labomar-UFC**, em parceria com a **ISME-Sociedade Internacional para Ecossistemas de Manguezal e, com apoio financeiro do CNPq (Maia et al., 2005),** que abrangeu um **período de 26 anos (1978-2004)**, mostrou com muita propriedade, um crescimento de **36,11% nas áreas de manguezais dos 5 Estados (PI, CE, RN, PB e PE)** estudados.

Por outro lado, para se entender sobre os benefícios da carcinicultura estuarina, para o meio ambiente adjacente às suas explorações, a melhor avaliação, está demonstrada na análise da **"Tese de Doutorado"** de **Cavalcanti, L.B, 2004 (IPA - UFPE), sob o tema: "Perfil das Principais Variáveis Hidrológicas, Comparando: Ponto de Captação (Rio Paraíba) com a Drenagem dos Viveiros de Camarão (Rio Jaguaribe) – Bairro Mandacaru - João pessoa--PB, na Fazenda de Camarão Marinho-Aquamares (170 hectares de viveiros),** realizado de Janeiro à Dezembro/2003, a qual demonstrou que as **águas de drenagens da Fazenda Aquamares**, continham **+110,95% de Oxigênio Dissol-** ▶



Foto: banco de imagens F&F



vido, -91,64% de Amônia, -95,10% de Nitrito e, -52,85% de Fosfato, do que as **águas de captação do Rio Paraíba**.

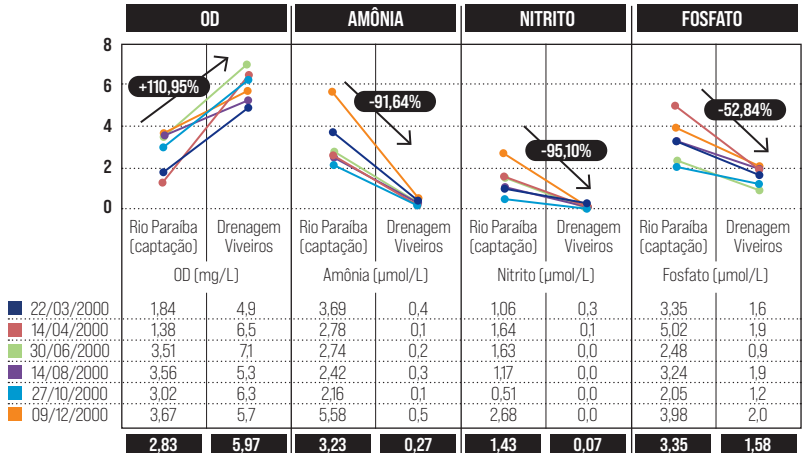
De forma que, com o potencial e a capacidade da carcinicultura para a geração de negócios, emprego e renda, notadamente para micros e pequenos produtores, contribuindo para a promoção da inclusão social na faixa rural costeira e nas áreas interiores desde o Maranhão à Bahia, a mesma deveria ser priorizada e ter suas demandas apoiadas pelos seus Governadores e Prefeitos, com o destaque que merece, inclusive, pelos diversos grupos que compõem sua cadeia produtiva, incluindo os consumidores de camarão e os agentes de desenvolvimento econômico e social da Região Nordeste e do Brasil, com uma posição proativa no que se refere à promoção e fomento da **"cultura do camarão marinho"**, que sem dúvida, será brevemente, a mais extraordinária atividade primária do Nordeste.

Diante do exposto e, quando se analisa os números **das exportações do Agronegócio de 14 Estados do Brasil (US$ 7.796.286.217,00)**, que juntos possuem **(2.389.456 km2 e 2.913 km de costa),** com **as exportações apenas de camarão cultivado (US$ 8.401.300.000,) do Equador (256.370 km2 e 950 km de costa)**, fica claro o porquê da **FGV / Grupo Monitor, 2002**, terem identificado a carcinicultura como a atividade de maior destaque para a Região Nordeste, mas infelizmente, a miopia e a falta de comprometimento dos Agentes Governamentais, bem como, da SUDENE, Agentes Financeiros e, Universidades do Nordeste, pós-2002, que priorizaram o viés ambientalista, criando equivocados obstáculos ao desenvolvimento da sua mais promissora atividade primária, o camarão marinho cultivado, cujo maior produtor mundial, a China, já é seu maior importador, seguida pelos EUA, Europa, Japão e Coreia do Sul, que sempre serão importadores, tendo o pequeno Equador, como seu maior exportador mundial, confirma a necessidade de um despertar por parte do Nordeste Brasileiro !? ■

***Itamar Rocha**, Engº de Pesca (1974), CONFEA 1805055020; Presidente ABCC / FENACAM'26; Diretor do DEAGRO/FIESP; Membro do CONAPE e da CSPA/MAPA*

PERFIL DAS PRINCIPAIS VARIÁVEIS HIDROLÓGICAS

Comparando: Ponto de Captação (rio Paraíba) com a Drenagem dos Viveiros de Cultivo de Camarão (rio Jaguaribe) do Projeto Aquamaris (170 ha) (João Pessoa/PB - março a dezembro de 2003)



	OD (mg/L)		Amônia (µmol/L)		Nitrito (µmol/L)		Fosfato (µmol/L)	
	Rio Paraíba (captação)	Drenagem Viveiros	Rio Paraíba (captação)	Drenagem Viveiros	Rio Paraíba (captação)	Drenagem Viveiros	Rio Paraíba (captação)	Drenagem Viveiros
22/03/2000	1,84	4,9	3,69	0,4	1,06	0,3	3,35	1,6
14/04/2000	1,38	6,5	2,78	0,1	1,64	0,1	5,02	1,9
30/06/2000	3,51	7,1	2,74	0,2	1,63	0,0	2,48	0,9
14/08/2000	3,56	5,3	2,42	0,3	1,17	0,0	3,24	1,9
27/10/2000	3,02	6,3	2,16	0,1	0,51	0,0	2,05	1,2
09/12/2000	3,67	5,7	5,58	0,5	2,68	0,0	3,98	2,0
	2,83	**5,97**	**3,23**	**0,27**	**1,43**	**0,07**	**3,35**	**1,58**

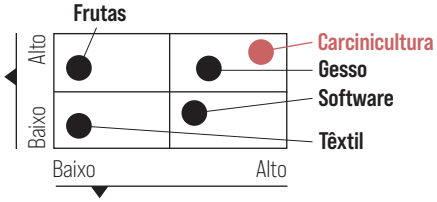
Fonte: Cavalcanti, L.B. - IPA-PE - 2004

MATRIZ DE PRIORIZAÇÃO

Ponderação quantitativa para o Nordeste (FGV/Grupo Monitor, 2002), destacou a carcinicultura, dentre outras atividades abaixo listadas, como a mais importante para a priorização

IMPACTOS DOS RESULTADOS

- Gerar empregos
- Gerar renda
- Aumento de exportações
- Atrair outras empresas
- Atrair investimentos
- Modelos para outros clusters



NÍVEL DE COMPROMETIMENTO

- Ação
- Cooperação
- Desejo Político
- Aprendizagem
- Financeiro

Fonte: estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas e Grupo Monitor, para o Ministério Interior/SUDENE, em 2002

EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO

14 Estados do Brasil (3.074.210km²/2.980 km de costa), comparado apenas com as exportações de camarão cultivado do Equador (256.370 km²/950 Km de costa), em 2025

Estados	Extensão territorial (km²)	Km de costa	Valor (US$)
Tocantins	277.621	-	2.843.599.842
Piauí	251.577	66	1.165.240.756
Pernambuco	98.149	187	778.857.179
Ceará	148.92	573	598.171.883
Alagoas	27.848	229	586.199.163
Rio Grande do Norte	52.811	410	379.417.353
Distrito Federal	5.760,78	-	256.863.631
Amazonas	1.559.146	-	255.182.329
Rio de Janeiro	43.780	636	240.561.875
Roraima	223.505	-	208.339.546
Sergipe	21.915	163	152.723.656
Amapá	142.470	578	126.825.170
Paraíba	56.585	138	104.056.704
Acre	164.123	-	96.616.992
14 Estados Brasileiros	**3.074.210**	**2.980**	**7.796.286.217**
Equador (1.398.500 ton)	**256.370**	**950**	**8.401.300.000**

Fonte: Agrostat, 2026; Banco Central do Equador, 2026

/feedfood

40MIL
LEITORES POR MÊS
DA REVISTA IMPRESSA/DIGITAL

50MIL
ACESSOS MENSAIS
AO PORTAL DE NOTÍCIAS

369MIL
PROFISSIONAIS
IMPACTADOS MENSALMENTE

1,9MILHÃO
VISUAIZAÇÕES POR MÊS
EM NOSSAS REDES SOCIAIS



feedfood.com.br
Informação que alimenta o futuro

FEED & FOOD
XCLUSIVE



"SE O BRASIL LIDERAR, O MUNDO O SEGUIRÁ"

(DE RATTAN LAL, NOBEL DA PAZ)

Entrevistei o Dr. Rattan Lal, prêmio Nobel da Paz, a respeito do agro brasileiro e quais seriam suas três mensagens vitais para os líderes do Brasil. Ele disse:

1. Parabéns, o Brasil se transformou no líder mundial da exportação de alimentos nos últimos 50 anos, isso é um feito que merece elogios.

2. Tem os desafios doravante que envolvem a sustentabilidade produzir mais com menos, menos recursos ambientais, menos água com total compromisso com a natureza.

3. E atender os objetivos de desenvolvimento sustentáveis da ONU, combate a fome e a pobreza, ação climática, paz e justiça para todos, e tratar produtores rurais como agentes da saúde total do planeta desenvolvendo o mercado de carbono, remunerando seus produtores com crédito de carbono e por serviços ambientais, a legítima saúde em todos os sentidos.

E Dr. Rattan acrescentou: "se o Brasil liderar, o mundo o seguirá".

Isto significa que não teremos tempo para perder tempo com desarranjos e conflitos ruins a respeito do desenvolvimento e prosperidade do complexo do agronegócio brasileiro. Necessitaremos doravante numa escalada vertiginosa de velocidade uma integração de plano estratégico reunindo a iniciativa privada com a pública. O agro brasileiro poderá dobrar de tamanho nos próximos 12 anos indo para a meta de superar um montante na soma das suas cadeias produtivas superior ao US$ 1 trilhão, e com isso impactar decisivamente o total do PIB do país nesse período de tempo.

Mais do que pensar ser essa visão do Dr. Rattan Lal, Nobel da Paz, uma ilusão, que significa engano dos sentidos e da mente, eu diria se tratar de um sonho, um desejo forte, veemente e exequível. E "sonho que se sonha junto vira realidade" (assim Raul Seixas cantava).

Fizemos o inimaginável nestes últimos 50 anos quando retornamos a 1976. Agora 2026 precisamos deixar velhas ideologias e guerras, ódios, e conflitos pra trás. Precisamos compreender que conflito só é bom quando está alicerçado na confiança dos debates, na liderança de caráter e confiável, caso contrário não teremos o bom conflito criador e, sim, o mau conflito destruidor.

Portanto, divisões e polarizações não interessam mais ao país e muito menos num plano estratégico do agro tropical ambiental brasileiro na condução da voz do futuro do planeta terra como afirmou Dr. Rattan Lal nesta entrevista. "Se o Brasil liderar, o mundo o seguirá".

A proteína animal com todas as suas relações em todas as cadeias produtivas significa uma alavanca poderosa do Brasil para o mundo e inclua-se nisso todo tema do biogás e seus derivados energéticos, em paralelo ao potencial gigantesco dos biocombustíveis onde iremos também ver uma integração de biomassas com milho e cana.

O Brasil tem toda condição de orquestrar, organizar a voz do agro consciente daqui pra frente. Somos um país feito com todos os povos do mundo, aqui somos todos imigrantes e nos misturamos entre todos incluindo com os povos originários. Formamos o maior "melting pot" genético humano do planeta e as pesquisas que realizamos sobre a percepção da Marca Brasil no mundo neste ano apresentaram 4 fatores comuns da percepção do mundo sobre o Brasil: natureza, povo afetivo, turismo e agro. Esses 4 ingredientes somados as realidades apontadas pelo Dr. Rattan nos permitem, de fato, liderar o destino planetário além dos alimentos, também com a preservação da vida na terra. Temos competências, biodiversidades e dimensão para tanto.

Que agora tenhamos uma reunião público privada com plano de estado e que sejamos um país, uma nação, um agro, desde as famílias agrícolas com nosso cooperativismo até as organizações agroindustriais no antes e pós-porteiras das fazendas passando pelos novos modelos empresariais de alta tecnologia dentro das porteiras.

Podemos fazer e se o Brasil fizer o mundo nos seguirá. Hora de irmos pra frente, uma nação da paz como Dr. Roberto Rodrigues sempre repete. ■

José Luiz Tejon
é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário, com especializações em Harvard, MIT e PACE/USA e Insead na França. Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 37 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes/França e FECAP/Brasil. Sócio Diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.

micro-AID®

dpi GLOBAL

O poder da *Yucca schidigera* em benefício de todas as espécies.



EXTRATO NATURAL DE *YUCCA SCHIDIGERA* EM FORMATO GRANULADO E VEICULADO

BEM-ESTAR ANIMAL

CONTROLE DE ODOR NATURAL

MENOR EMISSÃO DE AMÔNIA E METANO

PRODUÇÃO MAIS SUSTENTÁVEL

Vidara
PARTNERING FOR LIFE

www.vidara.com

(11) 3109-2000



Mais desempenho começa na saúde intestinal

Xtract® 6930 Aves

Tecnologia fitogênica microencapsulada que promove integridade intestinal e otimiza índices produtivos em frangos de corte.

Melhor ganho de peso e conversão alimentar
Maior aproveitamento de nutrientes e eficiência produtiva.

Economia de energia metabólica
Melhor aproveitamento da energia.

Microencapsulamento com alta estabilidade
Proteção dos ativos e resposta consistente, inclusive em rações peletizadas.

Resultados comprovados em campo
Desempenho consistente em diferentes níveis de desafio sanitário.

Eleve a performance do seu plantel com tecnologia validada e segurança técnica.

Fale com a equipe ADM e conheça a aplicação ideal para o seu sistema produtivo.

ADM®

admnutricaoanimal.com.br | contato.br@adm.com | @admpremixeaditivos